

PRÊMIO NOVA
1989

MEERLON

ANO II

#11

JUL. 90

THE PI-A-SAW BIRD
RICHARD STOOKER

IVAN C. REGINA

ROBERTO SCHIMA

ORSON SCOTT CARD

L. RON HUBBARD'S CONTEST



2005
183



Ano II Número 11 Julho 1990

EDITORES: Marcelle Simão Branco & Renato Resatti**Colaboradores:** Gilberto Scheerer, Jeremias Moranu, Jorge Luiz Calife, Orson Scott Card(USA) e Roberto de Sousa Cause**Colaboram nesta edição:** Anita Costa Prado, César R.T. Silva, Ivan Carlos Regina, José Carlos Neves, José Franca Jr., Maria Ângela C. Busoloti, Miguel Carqueija, R.C. Nascimento, Richard Stecker(USA) Roberto Schima, Tobe Carpenter.**Contato Internacional:** L. Ron Hubbard's Writers of the Future and Illustrators of the Future Contests - USA

EDITORIAL

Você já teve a oportunidade de ter seu trabalho reconhecido de alguma maneira? Pois nós tivemos, com a premiação de melhor fanzine de FC (ao lado de SOMNIUM -CLFC) de 89 através do Prêmio Nova. Simboliza nossa luta, nosso esforço, quer em detalhes ou no aspecto geral de se editar uma revista amadora para um grupo pequeno - e seletivo - de pessoas. Um trabalho gratificante e idealista que modestamente tem alcançado seu objetivo. Este prêmio serve para indicar que estamos no caminho certo e que temos muito a melhorar para continuar recebendo a sua confiança e credibilidade. A todos que já colaboraram, seja de que forma for, nesse muito obrigado e com vocês repartimos este feito.

Apesar das dificuldades nos mantemos e temos uma perspectiva de crescimento, mas que terá que ter sua aprovação e colaboração, caro leitor. É o seguinte: temos a idéia de aumentar o nº de páginas para 60. Aumenta contos, HQs, artigos, colunas e conseqüentemente a qualidade do zine e sua participação. Por isso aumentamos o preço para viabilizar esta idéia. Quem manda é você leitor. Se você desejar, terá um MEGALON cada vez melhor. No mais, fique com mais este número, boa leitura.

por MARCELLO SIMÃO BRANCO

ÍNDICE

ARTIGOS

+ L. Ron Hubbard's Contest	9
- Child Cycle	11
- Paicopatas	13

FICÇÃO

Contos	
- Os Únicos ET's na Terra Somos Nós	15
- Olhe Vivo	16
- The Pi-A-Saw Bird	17
- Os Três Vértices	23
Quadrinhos	
- Bete e Mimi	7
- Metamorfose I	33

ILUSTRAÇÕES

- César R.T. Silva e José C. Neves	1
- Roberto Schima	10,23

SEÇÕES

- Editorial	2
- Diário de Bordo	3
- Contatos	6
- Ciência	26
- FC BR	27
- Books to Look For	29
- Classics	31

ENDEREÇOS

- <u>Correspondência e envio de trabalhos:</u> Av. Clara Mantelli, 110 04771 São Paulo, SP Brasil
- <u>Assinaturas:</u> Rua Irmão Ivo Bernardino, 40 04773 São Paulo, SP Brasil (ver página 14)

DIÁRIO DE BORDO NACIONAL

por Roberto de Sousa Cause

- Além da positiva avaliação de seu livro A Espinha Dorsal da Memória no Brasil e Portugal, BRAULIO TAVARES marca mais pontos com a publicação do conto "Cão de Lata ao Rabo" na SET Terror e Ficção e aguarda publicação na OMNIA, de Portugal.

- TAVARES também traduziu recentemente a coletânea Robot Dreams, de Asimov, a primeira em mais de dez anos, referente à saga dos robôs. Sairá pela Record.

- LEO GODOY UTERO, autor de Introdução a Uma História da Ficção Científica, está preparando um romance não-FC, mas com elementos surrealistas.

- MARIEN CALIXTE, autor de Alguma Coisa no Céu, uma coleção de contos, está preparando mais um volume para a Ficção Científica GRD.

- IVAN CARLOS REGINA, duas vezes vencedor do Nova de Melhor Conto, viajou a serviço para o Japão, onde tentará travar contato com fãs e revistas.

- HERBERTO SALES, autor de O Fruto de Vosso Ventre e A Porta de Chifres, está de volta ao Rio de Janeiro após temporada em Paris, como adido cultural.

- JOSÉ KOJICA MARINS, o Zé do Caixão, uma das poucas personalidades brasileiras ligadas ao horror, publicou na SET Nº 34 uma boa crítica sobre o filme O Homem-Elefante, de David Lynch.

- ORSON SCOTT CARD confirmou junto à Ed. Aleph

sua presença na InteriorCon em outubro. Ele reservará algo do seu tempo para a promoção de O Jogo do Exterminador (Ender's Game), sua estréia no Brasil com edição da Aleph e lançado durante a IV Mostra de FC de São Paulo, no dia 31 de maio. Card deverá trazer a família e passar algum tempo matando as saudades do Brasil, onde viveu nos anos 70. Enquanto isso recebemos da Ed. Record confirmação de que eles lançarão O Segredo do Abismo (The Abyss), de Card, para breve.

- GERSON LODI-REBEIRO teve seu conto "Xenopsicólogos na Fase Crítica" aceito para publicação na revista semi-profissional francesa Antarès. Submissões à revista podem ser enviadas à Caixa Postal 220 - Sumaré-SP - CEP 13170.

- JORGE LUIZ CALIFE terminou finalmente a versão final do fecho de sua trilogia "Padrões de Contato", o romance Linha Terminal, e está se dedicando ao romance independente Videorama. Gumercindo Rocha Dorea continua com planos de publicar Linha Terminal, talvez ainda neste ano.

- JOSÉ DOS SANTOS FERNANDES (visto em Enquanto Houver Natal...) deverá entregar em breve a versão revisada de sua coleção de contos a sair pela GRD em 1990.

- Enquanto os profissionais dão continuidade às suas carreiras, os amadores

tentam galgar um novo nível. FÁBIO FERNANDES está escrevendo o romance A Compreensão das Coisas, passado no Rio de 2016. Parece ser um trabalho complexo, com elementos cyberpunk, IA, e elementos de romance policial, em torno de uma múltipla caçada a um livro raro. (~~Abolido, Fábio Fernandes~~)

- Eu também estou suando em cima de um romance tentativamente intitulado Ponto Quente, passado na Antártida envolvendo uma expedição volante brasileira, intriga internacional, spetnam, tigres de bengala, etc. Tenho esperança de tê-lo pronto em tempo para o Prêmio Caminho 1991 ou para, ao início do ano, apresentá-lo a editoras brasileiras. - A revista OMNIA publicará a versão integral da minha matéria sobre a FC nacional vista na Locus de março de 1990. - Meu conto "Dúelo Neural" deverá sair num dos Ns das revistas Mephisto - Terror Negro ou Os Guerreiros de Joba (ainda inéditas - POR FAVOR COMPREM!)

- ANDRÉ CARNEIRO divulgou que estará dirigindo uma oficina literária de FC junto ao Museu da Literatura Mario de Andrade. Incapaz de conter minha ansiedade, liguei para lá e foi-me dito que o Museu fechará para reformas e não promoverá oficinas. Ou a coisa parou no fator humano (errar é humano) ou deu mesmo pra trás. Confira você mesmo: (011) 66 5803. - O romance Amorquia de Carneiro ainda está em pé para sair ainda neste ano, Nº 2 ou 3 da Coleção Zenith.

- Saiu finalmente o Nº 1 da Isaac Asimov Magazine, em maio. No Rio houve uma festa de lançamento, terça dia 15, com presença de 50 ou 60 pessoas, numa organização do Grupo-Rio, com pessoal do Confraria dos Dragões, da loja Além da Imaginação, etc. Braulio Tavares fez uma palestra sobre a FC nos anos 80, Rubenildo P. Barros falou pelo Grupo-Rio e o editor Ronaldo de Biasi pela revista. Em alguns meses a revista lançará um concurso de contos e, provavelmente à partir do Nº 4 (agosto), incluirá um calendário de eventos preparado por mim (se você ou seu clube promove algum evento, me informe: Cx.P. 220, Sumaré-SP, CEP 13170, F.: (0192) 732534). A edição de setembro deverá incluir trechos de minha entrevista com Orson Scott Card, e seu conto "Dogwalker".

- O fanzine Papêra Uirandê já está em seu Nº 3, resenhando a Asimov e com matérias por J.L. Calife, Fábio Fernandes, Braulio Tavares, J. Moranu. Pedidos no endereço acima.

- R.C. Nascimento, o mais importante fã do Brasil, lança o fanzine Brazil SF and Fantasy Newsletter, como forma de divulgar as atividades do fandom nacional no exterior. Cx.P. 2209, São Paulo-SP, CEP 01051 - Uma chance também de divulgar seu conto, ilustração ou ensaio no exterior.

- O fanzine Star News, da Sociedade Astronômica Star Trek, ainda não acabou. Está em atividade, embora os editores Sérgio Murillo e Roger Techima planejem fundar um novo fanzine dedicado a Star Trek, o Viewscreen. Star News & SAST: Cx.P. 13.204 - Ag. Múoca, São Paulo-SP, CEP 03198.



Braulio Tavares fala da aceitação de seu livro aqui e em Portugal: "A vendagem no Brasil está homeopática — problemas junto aos livreiros. A resposta dos leitores, no entanto, é a melhor possível. As resenhas que tenho recebido de Portugal são todas positivas, e no Brasil várias publicações resenharam bem o livro: O Estado de São Paulo, revista 34 Letras, etc."

Sobre sua vitória no Nova: "Um prêmio concedido pelo fandom é um elogio de grande valor: é a opinião dos especialistas, das pessoas que estão totalmente impregnadas do tema." E seus planos futuros: "Tenho um conto ('Eu, Ordenador') recentemente comprado pela revista portuguesa OMNIA. No momento não tenho outros textos de FC. Estou com dois livros de poemas inéditos, além de um livro de contos não-FC, e no momento meu esforço é para dar saída a estes livros. FC, provavelmente, só no ano que vem. Não é falta de idéias nem de vontade. O problema é tempo."



- HENRIQUE VILLIBOR FLORY lançou seu primeiro romance, Projeto Evolução, durante a IV Mostra de FC, ocorrida em SP de 28 a 31 de maio na União Brasileira de Escritores. Na verdade foi um pré-lançamento do que pode ser considerada a mais audaciosa iniciativa desta 2ª Época da FC Brasileira. Foram 5 mil cópias de um livro que nada fica a dever às edições das grandes editoras. Um romance de catástrofe de estrutura ambiciosa e riqueza científica. Louvamos a preeza de Flory.

- A IV Mostra trouxe excelentes discussões, em tor no da situação editorial brasileira (por conta de De Biasi, GRD, e Pier Luigi Piazzi, da Aleph), a situação dos fanzines (com representantes do Megalon, Star News, Diário de Bordo, Papêra Uirandê, etc.) e o futuro do fandom nacional, culminando com a proposição de R.C. "ascimento, de fundar uma confederação de clubes e fanzines. Essa proposta será apresentada oficialmente e em detalhes durante a I InteriorCon.

- Trata-se da Convenção de FC do Interior de São Paulo, que acontecerá de 12 a 14 de outubro, dentro da IV Exposição Aeroespacial de Sumaré (7 a 14) aqui na minha cidade. Convidado de Honra: Orson Scott Card. Pã Convidado de Honra: José Carlos Neves. Convidados: Ivan Carlos Regina, Henrique Villibor Flory, Rogélio Bonil. O tema da convenção é o "Movimento Antropofágico da FC Brasileira". Entre os painéis, "H.V. Flory e a FC hard no Brasil" e "Ivan Regina e a FC de 3º Mundo". Uma convenção para marcar época. Estadia gratuita no local (espartana). Informações no endereço já divulgado aqui.

- Dia 26 de maio aconteceu a festa do 1º aniversário do Trekkers' Club, com direito a bole e animação por conta de vários episódios da Next Generation. Vida longa e próspera a um clube que ainda está na infância, mas que é uma criança linda!

- O fanzine do CLFC, Somnium mudou seu formato para um meio ofício composto by computer. No momento está consolidando o uso de seus espaços, antes de partir para uma distribuição mais ampla. Esperamos que ganhe as bancas, pois tem tudo para se tornar o primeiro semi-prozine de FC brasileiro e ganhar uma projeção maior que a que já possui.

- A Seleções de abril de 90 trouxe o conto "O Inimigo esquecido", de Arthur C. Clarke, sobre uma neva era glacial. Bom como de hábito.

- Chegou aos cinemas brasileiros Hellraiser, escrito e dirigido por Clive Barker, o novo mestre do horror que está revolucionando o gênero com um horror explícito de rara intensidade.

PRÊMIO NOVA DE FICÇÃO CIENTÍFICA 1989 MELHOR CONTO

- 1- "Sympathy for the Devil", Bráulio Tavares (Somnium 37)
- 2- "O Caipira Caipora", Ivan Carlos Regina (Somnium 34)
- 3- "Medo de Avião", Jorge Luiz Calife (Somnium 38)
- 4- "The Ghost in the Machine", Bráulio Tavares (Verde...Verde...)
- 5- "Atendimento Domiciliar", José dos Santos Fernandes (Enquanto Houver Natal..., FC GRD)

MELHOR ILUSTRADOR Fã

- 1- Roberto Schima
- 2- Roberto de Sousa Causo
- 3- Cesar R. T. Silva
- 4- José Carlos Neves
- 5- Kleber Inácio da Luz
- 6- Henry Jaepelt

MELHOR TRABALHO DE RESENHA

- 1- Gilberto Schoederer
- 2- Roberto de Sousa Causo
- 3- Fábio Fernandes
- 4- Jeremias Moranu
- 5- Jorge Luiz Calife
- 6- José dos Santos Fernandes



Nascimento, Branco, Mo-
res e Tavares: premiados.

HENRIQUE VILLIBOR FLORY, sobre sua decisão de Sair por sua editora, HVF: "Em primeiro lugar, profissionalização. Nenhuma das editoras que se interessaram pelo romance (GRD, Aleph, Estação Liberdade e Brasiliense) me ofereceram condições que, no todo, fossem satisfatórias. Nada contra elas, mas contra o mercado brasileiro; a expansão de atividades se impunha. Em segundo lugar, foi uma consequência óbvia do meu trabalho com Edição Eletrônica (meu adorado Mac) e com o apoio da iniciativa privada. E inúmeros outros pontos."

Sua visão do livro: "É minha obra de maior fê- lego, que conta com um trabalho de personagens e estrutura muito mais completo do que os contos. O romance lança também, a temática básica na qual trabalharei nos anos vindouros, cada uma a seu tempo. Mas chega disso, que ele precisa falar por si."

Os próximos passos da HVF: "Transformá-la numa S/A e vender pelo menos 50% das ações. Com o dinheiro, expandi-la e montar uma estrutura empresarial verdadeira. Lançamentos, uma antologia de contos do ITA (Tensões Distribuídas) para agosto, duas novelas para outubro e uma antologia de contos de FC brasileira para o fim do ano. Em 91, uma série de ensaios teóricos em literatura e outra de poesia, além da meta de um livro de FC por mês. Tudo isso, é claro, se a HVF se tornar independente da minha pessoa." Seu futuro como autor: "Ir estudar 'Creative Writing' nos EUA, se eu conseguir a bolsa que pleiteio e inúmeros outros 'ses', ou me isolar novamente para escrever meu próximo romance, permeando-o por vários contos. Mas, é claro, posso não fazer nada disso."

E sobre a possibilidade dele estar magoado com os fãs, após ter recebido críticas negativas ao seu livro anterior e ao seu comportamento nas atividades do fandom: "De maneira alguma. Eu só não entendo por que gente como você, Causo, tem tanta raiva de mim e não aceita minhas atitudes pessoais. Eu sou como eu sou, às vezes misantrópo e bêbado e às vezes completamente bobo e infantil, de alegria. Só queria que respeitassem minhas idiosincrasias. Quanto às críticas sérias, adoro-as. São trabalhos profissionais relacionados a trabalhos profissionais; adoro ver meus defeitos expostos, para que possa me conscientizar deles. Quanto às críticas invejosas e fofocas idiotas, desprezo-as. Não merecem nada mais do que isso."

MELHOR FANZINE

- 1- Megalon, Marcello S. Branco & Renato Rosatti
- 2- Somnium, R. C. Nascimento e Carlos A. Mores (CLFC)
- 3- Hiperespaço: The Next Generation, Sérgio F. Castro e Sérgio Martins (Grupo-Rio de FC)
- 4- Antares, Jane T. M. de Souza e Alice S. Alves (CFC Antares)

Os prêmios foram entregues durante a IV Mostra de FC, em São Paulo, 12 de junho, com bons discursos por R.C. Nascimento, Marcello Branco e Bráulio Tavares. Novidades no empate entre os fanzines e a primeira declinação ao Nova, feita por Roberto Schima. R. C. Nascimento recebeu por Gilberto Schoederer. No próximo ano o Prêmio não estará mais sob a minha coordenação, que passa ao Comitê Permanen-

te para Realização da Mostra, que deverá acontecer pela V vez em maio de 91, em algum dos estabelecimentos do SESC. Espera-se algumas alterações tanto nas categorias quanto no sistema de votação do Nova, que ainda é o único prêmio para os "elhores do Ano no Brasil, enquanto o Comitê da InteriorCon estuda a criação de um novo prêmio, talvez inspirado no John W. Campbell Jr. para Melhor Escritor Novo. Outros bons momentos da IV Mostra foram os painéis sobre o fandom nacional, com participação da maioria dos clubes e fanzines que interessam, e onde tocou-se na Confederação Brasileira de FC e Fantasia e determinou-se a necessidade de um esforço conjunto das entidades do nosso fandom, e o sobre edição de FC no Brasil, com a presença de quem interessa no ramo: Ronaldo de Biasi, editor da única revista de FC em atividade aqui, Isaac Asimov Magazine; Gumercindo Rocha Dorea, editor histórico e representante da small press brasileira; Silvio A. Ferreira Neto, editor da coleção Zenith, que lançou durante a Mostra O Jogo do Exterminador, de Card; e Pier Luigi Piazzini, publisher da Aleph, a editora da Zenith, que quer rivalizar com o melhor da edição profissional no Brasil. Esse painel foi especialmente produtivo, pois firmou-se interessantes acordos de mútuo apoio entre esses editores, dentro do conceito de que nosso mercado é ainda muito pequeno para se pensar em termos de concorrência. Embora improvisada, a Mostra foi de bom nível, apensar da mínima frequência dos fãs, o que parece ser uma regra no nosso fandom. Durante o evento houve ainda distribuição e divulgação de fanzines, lançamento do livro de Card e pré-lançamento de Projeto Evolução, de Flory. (ao lado, Gumercindo R. Dorea)



- A Rede Globo apresentou durante uma semana em abril uma mini-série de FC brasileira, Sonhos de Menino com alguns resultados interessantes, considerando o nível usual de nossas produções no gênero. Tratou-se de uma história anti-utópica com cenário pós-guerra nuclear. No elenco um dos astros de Pantanal.

- Na SBT novas séries de FC/fantasia: Os Fora-da-Lei, com cowboys do velho oeste que vieram parar nos anos 80; Um Homem do Espaço, um starman guerreiro cumprindo prestação de serviço na Terra; e Um Cientista Genial, sobre um super-crânio envolvido em casos policiais com elementos tecnológicos e alguma FC, e com a atração adicional de ser uma co-criação de Isaac Asimov — a melhor delas.

- Você é fã de J.R.R. Tolkien, o autor de Senhor dos Anéis? Procure a Tolkien Society no Brasil: Ronald Kyrmse, Av. S. Luiz, 86 - 17º - São Paulo-SP CEP 01046 - F.: (011) 280-8857.

Crédito das fotos: R.S. Causo, Miguel Carqueija, Silvio A. Ferreira, R. S. Causo.

INTERNACIONAL

- Morreu Robert Adams, bem sucedido autor de séries como Horseclans e Castaways in Time, em 4 de Janeiro, de câncer, aos 56 anos. Antigo fã, Adams passou a escrever FC alguns anos após deixar o Exército, onde foi Sargento de 1ª Classe. Ele era membro de uma família de ampla tradição militar, e usou seus conhecimentos marciais em seus trabalhos. O fandom americano acompanhou o curso de sua doação terminal, e forneceu o apoio possível.

- Fritz Leiber sobreu leve ataque cardíaco e está convalescendo em casa. Seu livro The Leiber Chronicles foi recentemente lançado.

- Dan Simmons, autor de Hyperion e The Fall of Hyperion foi considerado o autor do ano pela revista sem profissional Locus.

- Bruce Sterling e William Gibson, os "cabeças" do extinto Movimento Cyberpunk produziram um trabalho colaborativo intitulado The Difference Engine. Sterling será publicado no Brasil pela Zenith com seu premiado Islands in the Net (que deveria chamar-se Piratas de Dados).

- Orson Scott Card recebeu o Hugo Japonês (Seiun Award) pela novela "Eye for Eye" que, esperamos apareça na nossa Asimov's. Outros vencedores: Melhor Romance Traduzido: Footfall, de Niven e Pournelle.

- Os indicados para o British Science Fiction Association Awards 1990:

Melhor Romance	Melhor Ficção Curta
<u>A Child Across the Sky</u> , Jonathan Carroll. <u>Cyteen</u> , C.J. Cherry. <u>Pyramids</u> , Terry Pratchett. <u>The Gold Coast</u> , Kim Stanley Robinson. <u>The Child Garden</u> , Geoff Ryman.	"Tommy Atkins", Barrington Bayley (<u>Interzone</u>); "The Bridge", Christopher Evans; "The Knot Garden", Mary Gentle; "Once Upon a Time in the Park", Ian Le "Gardenians", Ian McDonald. "In Translation", Lisa Tuttle.

- Geoff Ryman foi o vencedor do Arthur C. Clarke 1990, para melhor romance de FC do ano, com Child Garden; atrás dele chegaram A Child Across the Sky, Jonathan Carroll, A Mask for the General, Lisa Goldstein; Desolation Road, Ian McDonald. Ryman levou a bolada de £1.000, deadas por Clarke — que em novembro do ano passado esteve na Arábia Saudita participando do 5º Congresso Planetário da Associação de Exploradores Espaciais, onde encontrou-se com astronautas como Edwin E. "Buzz" Aldrin Jr. (2º homem a pisar na Lua), Michael Collins (que o acompanhou na Apollo 11) e Alexei Leonov (recordista de permanência no espaço orbital).

- O astronauta Edward Gibson, que cumpriu missões no meteorico Skylab lançou o romance de FC hard Reach considerado um trabalho regular, com forte tom pró-programa espacial.

- O romance A História da Aia (Handmaid's Tale), visto no Brasil em duas edições, foi transformado em filme, com o mesmo nome, e Robert Duvall e Faye Dunaway no elenco. A autoria do romance é de Margaret Atwood.

- A atual maior bilheteria nos EUA é também uma transposição para a tela de uma obra literária, "We Can Remember it for You Wholesale", de Philip K. Dick, Total Recall, que elevou Arnold Schwarzenegger à condição de maior bilheteria-man de Hollywood no momento. Ao lado dele Sharon Stone, a leura de filmes como Alan Quaterman e as Minas do Rei Salomão, e que depois de Total Recall virou capa da Playboy. A transposição do filme para livro, por Piers Anthony, foi considerada a segunda melhor novelização do ano, perdendo para The Abyss, de Card.

- Soubemos via Aleph que produtores de cinema estão interessados em produzir a versão cinematográfica de O Jogo do Exterminador (Ender's Game), mas não temos notícia de quem seriam eles. Se forem James Cameron e Gale Anne Hurd, com quem Card tem relações, garante-se um resultado positivo. Se não, Card arrisca-se a ver uma versão catastrófica desse que é considerado seu melhor livro e sair apenas com a grana como compensação. Eu considero a história relativamente difícil de ser filmada, e Hollywood especializou-se em deformar grandes histórias.

LIVROS

= O JOGO DO EXTERMINADOR (Ender's Game; EUA 1985). Autor: Orson Scott Card. Editora Aleph - Cel. Zenith de FC nº1. Tradução: Norberto de Paula Lima. Capa: Guilhermae Cury. Artigo sobre o autor: Roberto de Sousa Cause. Artigo de Ciência: Pierluigi Piazzi. 346 págs. O primeiro título da nova série de FC, com produção de alto nível, trazendo a estréia de Card no Brasil com uma de suas obras premiadas - Hugo e Nebula 86. A história gira em torno de Ender Wiggin, pequeno gênio, que desde a infância é treinado para liderar a Terra em uma guerra com uma raça alienígena. Card mostra talento e competência num livro emocionante. Leia!!!

= PROJETO EVOLUÇÃO. Autor: Henrique V. Flory. HVF Representações, junho 1990. Capa: trabalho à computador. 276 págs. Produção independente, ambiente e arrejada do autor. O segundo livro de Flory, este um romance sobre um buraco negro que se aproxima de Sol e ameaça destruir a Terra. Este é o painel para o desenrolar da história. FC brasileira! Todos devem ler e comprar (leia crítica na página 27).

= WRITERS OF THE FUTURE CONTEST - Volume VI. Editor: Algis Budrys. Bridge Publications Inc., junho 1990. Capa: Frank Frazetta. Artigos de Ben Bova, Frank Kelly-Freas e outros. US\$4.95. 409 págs. Pocket. Antologia anual de 'L. Ron Hubbard's Writers of the Future Contest' que nos foi enviada pela entidade. São os 18 contos e ilustrações premiadas no período 88/89. Considerada uma das melhores antologias de FC do ano. Bridge Publications Inc., Los Angeles, CA USA 90029 - ver artigo na página 9.

REVISTAS

= ISAAC ASIMOV MAGAZINE. Editor: Ronaldo Sergio de Biasi. Versão brasileira da 'Isaac Asimov's Science Fiction Magazine'. Editora Record, nº 1, maio 1990. 192 págs., 12,2x18cm, mensal. A bem-vinda chegada da melhor revista americana de FC, seguindo o modelo original. São 4 noveletas e 6 contos entre a hard-sf ao horror. Destaque para 'O Mundo Flutuante' de Victor Milán, 'Pesadelos da Mente Clássica' de Charles Sheffield e 'O Anel' de Alexander Jablekov. Uma iniciativa que merece todo nosso apoio.

= ISAAC ASIMOV MAGAZINE. Editor: Ronaldo Sergio de Biasi. Versão brasileira da 'Isaac Asimov's Science Fiction Magazine'. Editora Record, nº 2, junho 1990. 192 págs., 12,5x18,3 cm, mensal. O segundo número (capa ao lado), mantendo a boa qualidade da anterior. São 10 histórias - 3 noveletas e 7 contos -, mais o editorial de Asimov. Destaque para 'Muitas Mansões' de Alexander Jablekov, 'Dilema' de Connie Willis, 'Dori Bangs' de Bruce Sterling (com tradução de Bráulio Tavares), 'O Destruidor de Mundos' de Charles Sheffield. Um bom panorama da FC norte americana atualmente. Mas é necessário dar espaço aos escritores brasileiros, bem como aos ilustradores. Confira.



FANZINES

= ANTARES-RIO. Editor: Miguel Carqueija. Mini-fanzine de FC da Seção Rio do Clube de FC Antares, nº 4, fevereiro 1990, irregular, 2 páginas, 21,5X33 cm. Notícias do clube (divulga o fim do fanzine ANTARES no nº40) e os contos 'Sob os Ponteiros do Relógio' de Cristina Vergnane e 'A Era da Música e da Felicidade' de Alyne Botelho. Iniciativa simples e de bom conteúdo. Colabore: Caixa Postal 18227 CEP 20722 Rio de Janeiro, RJ

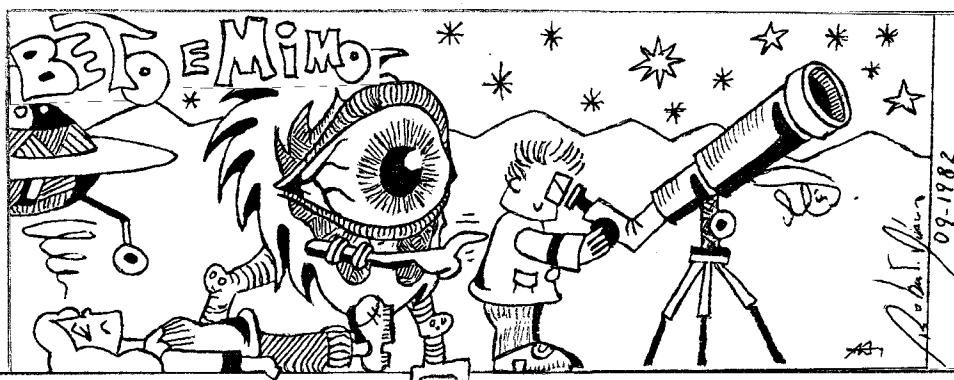
= DIÁRIO DE BORDO. Editor: Luiz Ambrósio. Boletim do fã-clube de 'Star Trek' Freta Estelar Brasileira, ano I, nº4, outubro 1989, bimestral(?) 8 páginas, 22X32,5 cm. O zine brasileiro com maior tiragem: 500(!). Notícias internas, artigos sobre a série e de ciência. Destaque para boa diagramação. Se associe, colabore: Caixa Postal 14592 CEP 03698 S. Paulo

= MULTIVERSO. Editor: Caio Cesar. Publicação da Editora Gênese, nº 10, abril 1990, semestral, 58 págs, 21,5X31,5 cm. Capa e conto de Mr. Quadrinhos, artigo de Rubens Ewald Filho sobre vídeo e matérias traduzidas. Zine sobre cinema, pena que quase todo pirata. Escreva: Rua Robert Sandall, 67 ap. 11 CEP 11030 Santos, SP.

= PAPÉRA UIRANDÊ. Editor: Roberto de Sousa Cause. Nº2, abril 1990, irregular, 16 págs, 21,5X33 cm. Capa de José Carlos Neves, notícias, resenhas do editor, de Marcelle Simão Branco e de Jeremias Meranu, artigo de Fábio Fernandes, resenha de fanzines e cartas. Boa edição com alto conteúdo e discussões interessantes. Colabore: Caixa Postal 220 Sumaré, SP CEP 13170.

= SOMNIUM. Editor: Carlos André Moraes. Boletim do Clube de Leitores de FC, ano V, nº43, jan./fev. 1990, bimestral, 52 págs, 15,5X21,5 cm. A estréia em novo tamanho com grande estilo e sob a premiação de Nova 89. Capa de Steven Fox, notícias internacionais, artigo sobre Arthur C. Clarke, resenhas de Gilberto Scheereder, coluna sobre 'Star Trek', as Crônicas de André, um poema de André Carneiro e 4 contos, entre eles 'O Predador' de Roberto de Sousa Cause e 'Ficha Perdida' de Norton Cell. Um fanzine com "cara" de revista profissional. É a nessa FC evoluindo. Prestígio: Assinatura - 3 BTN's por uma edição. Rua Dardanelos, 108/31-B Cep: 05468 S. Paulo, SP.

= TREKKER'S LOG. Editores: Solange Castanheira, Isabel Cristina Van Hien e Dino J. Braga. Boletim do Trekker's Club, ano II, números 7 e 8, bimestral(?), 12 págs (ambos), 21,5X16,5 cm (ambos). No nº7, temos o programa oficial do clube para 1990, resenhas de pockets, artigos, notícias e concursos. No nº8, capa de Eduardo Canha, artigos de Alberto Verderame, R.C. Nascimento e Patrícia Mele, portfólio, sinopses e o conto 'O Guardiã da Vida' de Marcelle Simão Branco. Um zine que vai amadurecendo aos poucos. Se associe, colabore: Caixa Postal 24505 CEP 03397 São Paulo, SP. Assinaturas: 12 BTN's por 3 edições, no mesmo endereço.



MEGALON

JULHO 90

EVENTOS & ATIVIDADES

= ABRAFAN - Arquivo Brasileiro de Fanzines e Publicações Independentes. Fei fundado no início do ano e, nas palavras de seu presidente Paulo Ricardo Abade Montenegro, "pretende registrar, catalogar e divulgar em todo o país e no exterior, todo e qualquer fanzine ou publicação semelhante, independente e amadora, sobre assuntos variados. Funciona também como um intercâmbio entre os fanzineiros e os leitores, a fim de que estes possam completar suas coleções". Para divulgar suas atividades publica um fanzine, o AbraFanzine, noticiando os zines enviados, e notícias de interesse para o fanzineiro. Grande iniciativa do colega, quadrista e editor Paulo Montenegro. Mais informações escreva para Caixa Postal 2717 - Ag. Central CEP 90001 Porto Alegre, RS.

= FANDOM DIRECTORY. nº 12, 1990. Guia de referência, com diretório de fãs, fanzines, fã-clubes, convenções, editoras, etc, de todo o mundo. O incansável R.C. Nascimento nos envia cópia da parte em que o fandom brasileiro é noticiado. O interessante é que o Brasil é o país que mais cresceu em nº de fãs nos últimos anos. De 16º em 89 com 13 endereços, saltou para o 5º lugar este ano com 132 endereços. E o fandom brasileiro aparece! Mais um dado de crescimento do movimento de fãs em nossa FC. Escreva você também: Fandata Publications, 7761 Asterella Court, Springfield VA 22152 USA.

= I InteriorCon - A Convenção de Ficção Científica do Interior de São Paulo. Sumaré, SP, 12 a 14 de outubro. Convidado de Honra: Orson Scott Card. Fã Convidado de Honra: José Carlos Neves. Convidados: Ivan Carlos Regina, Henrique V. Flory, Rogélie Benil. Palestras, debates, trabalhos de arte e modelismo, venda de livros e fanzines, workshops, Tema: Movimento Antropofágico da FC Brasileira. Estadia no local. Informações com o coordenador Roberto de Sousa Cause: Caixa Postal 220 Sumaré, SP 13170 tel. (0192) 732534. Prestígio, compareça.

= II Trek Party. Festa dos fãs de Star Trek, em São Paulo no mês de agosto com local e data a confirmar. Vídeos da série clássica e nova, desenhos animados, filmes em 16 mm, sorteios, debates e o lançamento do fanzine ENPE - E No Próximo Episódio, sobre séries de TV. Informações com os coordenadores Leonardo Bussaderi e Reesvelt Garcia, no endereço: Rua Iapaceas, 101 CEP 03161 S. Paulo, SP.

= REUNIÕES MENSAIS. O Clube de Leitores de FC e o Trekker's Club realizam mensalmente reuniões, com encontro de fãs, palestras, troca de material e outras atividades. O CLFC no último sábado do mês e o TC no segundo no mesmo endereço: Av. São Luis, 192 Livraria Paisagem, nº17, a partir das 9:00. Compareça! São Paulo, SP.

O espaço desta seção tem aumentado a cada edição. Mostra o crescimento do fandom, com suas produções e atividades. Você, editor, fã, escritor que tenha algo a noticiar escreva para nós e daremos, com todo prazer, espaço para seu trabalho, sua atividade que beneficia e agita o campo da FC nacional.

NEWS FROM



L. Ron Hubbard's
**Writers
of The
Future
Contest**

per MARCELLO SIMÃO BRANCO
RENATO ROSATTI

Los Angeles, EUA - O canadense James Gardner, com o conto The Children of Crèche, foi o vencedor do 'L. Ron Hubbard Writers of the Future Contest' em sua quinta versão. O prêmio de melhor ilustrador ficou para Derek Hegsted. Ambos levaram US\$ 4 mil pelo título.

As festividades e entrega dos prêmios foram em Las Vegas, a 2 de junho, na convenção anual do American Booksellers Association (ABA). No ano passado a cerimônia foi realizada nas Nações Unidas. Neste ano, houve a primeira premiação conjunta para escritores e ilustradores, já que estes foram premiados pela primeira vez.

As atividades começaram na tarde de sábado, com uma série de debates sobre como efetivar uma carreira de escritor profissional. Foram levantadas as questões, dificuldades e problemas que o iniciante enfrenta. Ben Bova, Larry Niven, Frederik Pohl e Frank Kelly-Freas, entre outros presentes, deram sua palhinha contando suas experiências. O programa continuou no Flamingo Hilton Hotel, onde se realizaram a cerimônia de entrega dos prêmios, seguida de uma animada festa entre os presentes.

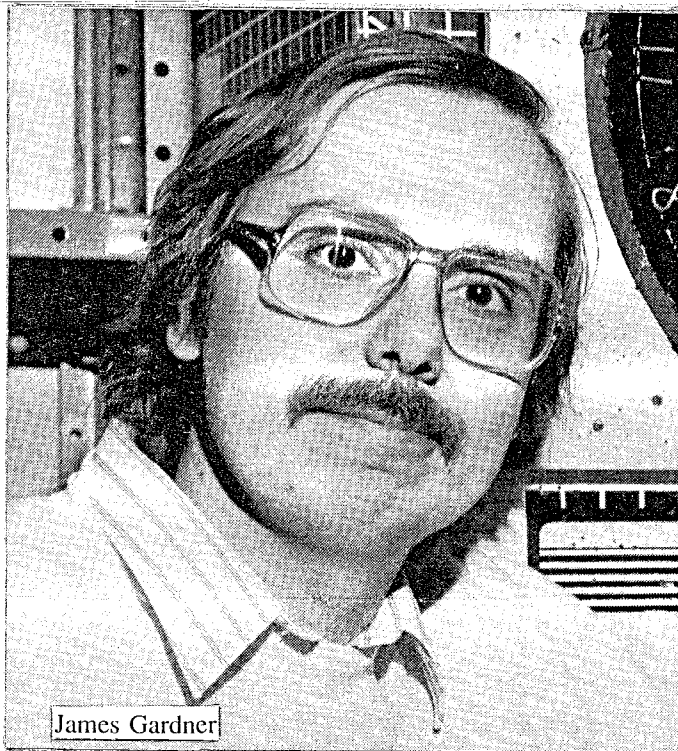
NOVIDADES NO JURÍ

Pela primeira vez a partir deste ano, os vencedores dos anos anteriores passaram a fazer parte do corpo de jurados que apurou os concorrentes deste ano. Acompanhe um pouco de cada um deles:

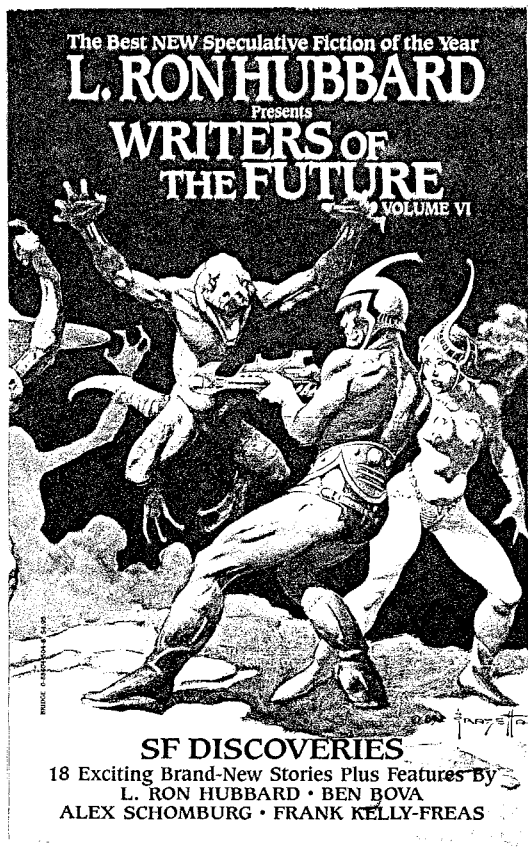
- Robert Reed. Venceu em 1986 o primeiro concurso com o conto Mudpuppies. Foi publicada com o pseudônimo de Robert Tauzalin. Três dos romances posteriores foram publicados, sendo um escritor ativo no momento. Recebeu, anos atrás, o John W. Campbell Award como melhor escritor novo.

- Dave Wolverton. Venceu em 1987 e desde então assinou um contrato de três livros com a Bantam Books. Seu primeiro romance On My Way to Paradise, foi finalista de 1990 Philip K. Dick Award, e é uma continuação de conto com o qual venceu o concurso - a Isaac Asimov nº 2 (nas bancas), traz o primeiro trabalho do autor, "O Céu é uma Estrada Aberta". Será o mesmo que venceu o Hubbard Award?

- Nancy Farmer. Venceu em 1988. Morava no Zimbábue quando venceu. Com



James Gardner



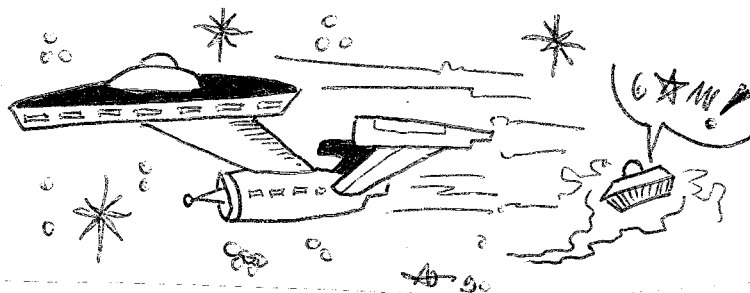
Capa de volume VI, que acaba de sair e nos foi enviada.

Neste ano dois dos quatro finalistas eram estrangeiros: um canadense e um australiano. Pela primeira vez um não-americano venceu o concurso.

Nos anos anteriores, houve finalistas da Inglaterra, Zimbabwe e Dinamarca. E até o momento já participaram trabalhos enviados por finlandeses, húngaros, irlandeses, italianos, espanhóis, israelenses e iugoslaves. Não está na hora dos nossos escritores em potencial entrarem nessa também?

Para participar envie um envelope subscrito e um IRC, solicitando o regulamento do concurso. Os endereços são:

- L. Ron Hubbard's Writers of the Future Contest
P.O. Box 1630 Los Angeles, California 90078 USA
- L. Ron Hubbard's Illustrators of the Future Contest
P.O. Box 3190 Los Angeles, California 90078 USA



e dinheiro do prêmio, veio morar nos Estados Unidos.

- Gary Scheckley. Vencedor do ano passado, está no momento escrevendo seu primeiro romance.

Eles se juntaram aos consagrados escritores Gregory Benford, Ben Bova, Algis Budrys, Ransey Campbell, Anne McCaffrey, Andre Norton, Larry Niven, Frederik Pohl, Jerry Pournelle, Robert Silverberg, John Varley, Jack Williamson e Roger Zelazny no grupo de jurados que apurou o resultado deste ano.

Já o júri do Illustrators of the Future Contest, foi composto por nomes de não menos importância: Edá Cartier, Lee e Diane Dillon, H.R. van Dingen, Bob Eggleton, Will Eisner, Frank Frazetta, Frank Kelly-Freas, Jack Kirby, Ran e Val Lakey Lindahn, Paul Lehr, Moebius, Alex Schomburg e William R. Warren, Jr.

PARTICIPAÇÃO DE OUTROS PAÍSES

O concurso é aberto a todos os países, tendo como única exigência que a língua seja inglesa.

CHILD CYCLE

por R.C. NASCIMENTO



GORDON R. DICKSON

A Coleção Argonauta, em um de seus últimos números, traz a novela "Dorsai!", como chefe de série "Child Cycle" de Gordon R. Dickson. A série é composta de 12 novelas: 3 históricas, 3 contemporâneas e 6 de Ficção Científica - que, em sua cronologia interna, obedecem a seguinte ordem:

- Necronances

Doubleday, Garden City, 1962, 191 pág.

Esta novela tem, como título alternativo:

- No Room For Man

Knopf/Eden-Partell, New York, 1962, 158 pág.

- The Tactics of Victory

Doubleday, Garden City, 1971, 240 pág.

- Soldier, Not Not

Dell, New York, 1967, 222 pág.

A primeira versão desta novela apareceu na Galaxy em 1964, tendo ganhado o Hugo em ST na categoria Short Fiction.

- Dorsai!

DAW, 1967

Astonishing/Analog publicou a primeira versão deste trabalho em 1959, com o título de The Genetic General - publicação pela Editorial Futurama na série Antecipação (70) com o título de O General do Universo.

- The Final Encyclopedia

Tor, 1964

- Chantry Guild

Além destas, existem ainda alguns trabalhos desconhecidos:

- The Spirit of Dorsai

Ace, 1979

- Lost Dorsai

Ace, 1980

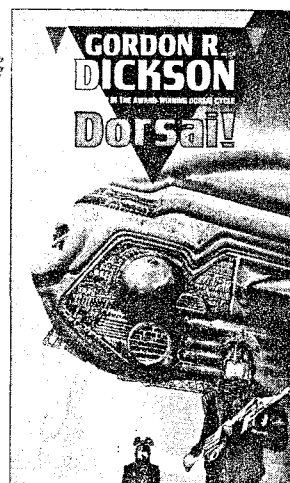
Contadores de Fingidos na categoria de Best Novello

- The Torvald Expedition

Ace, 1980

Um artigo de John Tipler anterior ao não só volume.

Mas este artigo não pretende discorrer sobre o trabalho de Gordon R. Dickson em sua série Child Cycle. . . porque, a este respeito, vocês têm no maravilhoso trabalho que contém: tanto-se de assunto "O Capítulo para o Forno Negro", de Revista Mágica, que constitui o conteúdo do volume 384 da coleção Argonauta - nov. 247/280.



Este assunto, sob o título original de The Road to the Dark Away, foi
REGAION - JULHO 190

originalmente publicado como posfácio da edição de Dorsani! publicada pela Ace, New York, 1980 - págs. 273/305.

Sandra Miesel é uma respeitada crítica e ensaísta. Nascida aos 25/12/1941, em New Orleans, Louisiana (USA), Sandra teve por pais Louis Schwartz e Dorothy Soialo, ele um Cirurgião Dentista, ela Enfermeira. Casou-se com John Miesel em 20/06/64, com quem teve três filhos: Marie-Louise (nascida em 1965), Anne-Louise (nascida em 1968) e Peter (nascido em 1969).

Sua formação acadêmica inclui um bacharelado em ciências (College of St. Francis, 1962), mestrados em ciências (University of Illinois, 1965) e artes (1966).

Trabalhando desde 1973 na Editions Limited Gallery, seu primeiro trabalho publicado foi "Poul Anderson : Maker of Universes" (SF Archives, 1973).

Foi indicada para o Hugo em 1973, na categoria Fan Writer, e recebeu diversos prêmios de arte na categoria Fantasia.

É membro da Indiana Science Fantasy Association e da Fantasy Association.

Seus principais interesses são a história da arte, mitologia comparada, história das religiões, arqueologia, estudos medievais, colecionar artes e antiguidades, cozinhar, costurar, criar e executar bordados originais (que inclusive vende, com muito sucesso).

É dela o comentário: *Aprecio a Ficção Científica porque estimula a imaginação e o intelecto, e complementa meu maior interesse em civilizações históricas. Agrada-me escrever sobre Ficção Científica porque esta é uma atividade que une as duas metades de minha educação : a humanista e a científica. Meu objetivo como crítica é oferecer informação especializada para orientação dos leitores, e não a formulação de extensas teorias literárias.*

O trabalho mencionado é precioso, quer por sua abordagem da obra de Dickson, quer por ser dos raros disponíveis em língua portuguesa.

De resto, vale a torcida para que a Editora Livros do Brasil nos brinde com todos os restantes títulos da série.

MEGALON é uma publicação bimestral. Aceita-se colaborações que ficam sob apreciação da editoria. Os trabalhos, publicados ou não, não serão devolvidos e nem fazem juz a qualquer remuneração. Os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores e as opiniões por eles expressas não refletem necessariamente a da editoria.

Agradecemos a quem, direta ou indiretamente, colaborou nesta edição.

Data de fechamento para o próximo número: 15 DE AGOSTO.

PSICOPATAS

TOBE CARPENTER

"Como a vida me maltrata, estou me tornando um psicopata."

O refrão do rock brasileiro já rendeu dezenas de filmes de terror, tornando-se um eixo de eixo para o cinema internacional. A popularidade dos psicopatas no cinema resultou até em bases e foi amplamente minuciosamente por especialistas no assunto. É o caso do livro Maníacos e Psicopatas Loucos: Uma História Cultural das Filmes de Terror, publicado ano passado na Inglaterra. O autor, Andrew Tudor, é um sociólogo da universidade de York e seu trabalho vareou um artigo de quatro páginas na famosa revista científica Nature.

Tudo associado mil filmes de terror, do período 1931-1994, e catalogou as grafias e origem das emoções de pessoas nessas filmes. No período anterior a II Guerra Mundial as parapsíquicas das filmes de terror enfrentavam ameaças sobrenaturais, vampiros, lobisomens, demônios. No período pós guerra as emoções de origem científica dominaram e o cinema de terror invadido por serialistas, extraterrestres e monstros criados em laboratório científicos. É claro que Frankenstein é bem anterior e isso, mas tem a ver com o terror gótico de que vem a ciência high tech dos filmes dos anos 50.

Em 1960, o estereótipo dos filmes de terror mudou para um tipo de serialista e matricida a raça oculta. Como o livro de Debraj Ray, Light deobates de um chuveiro, analisando a natureza dos psicopatas no cinema. A parábola de Debraj Ray, os filmes de psicopatas apelam de modo cinemático para a audiência superando

em número os filmes sobre o crime sobrenatural e de ficção científica. Tudo relacionado a fenômeno com a crescente popularidade das teorias psicanalíticas na sociedade americana, mas é claro que o fenômeno tem outras origens.

Do contrário dos escritores sobrenaturais e de ficção científica, o psicopata é uma figura real. Os crimes de Jack, o Estripador em Londres e de Charles Manson no Delta fórnica, virou então um livro na memória coletiva da humanidade, e eles representam um desafio psicológico para as platéias cinematográficas. Por outro lado, de todos os gêneros de horror cinematográfico, o filme de psicopata é o que possui o conteúdo mais tenso. Não são necessariamente complexos e sacos afiados especiais exigidos para representar ameaças extraterrestres e sobrenaturais. Qualquer cineasta pode fazer um filme de psicopata num cenário natural, com um elenco de atores amador e um pouco de sangue artificial.

Isso explica porque o filme de psicopata tornou-se um fenômeno mundial, invadindo até o cinema de que se recusava de países como o Brasil. É claro que cada país tem o psicopata que merece e é interessante notar as variações locais do gênero.

No Brasil, o filme de psicopata é considerado um tipo de filme de terror. Os italianos transformaram o gênero em uma série de filmes de psicopatas, que são as vítimas do psicopata. Porém, um tipo de mulheres homicidas, então é possível misturar terror e crime no filme de psicopata.



MICHAEL MEYERS

HALLOWEEN

Em filmes como 2 Ventos Negros de Tarântula (Itália, 1971), mulheres esculturais como Barbara Bach, Dey Dine Auger e Barbara Bouchet, todas convenientemente nuas ou semi-nuas são ainda estripadas pela lâmina de um misterioso assassino.

O cinema brasileiro parou logo e apela popular da fórmula e entrou no gênero. Por Um Corpo de Mulher (São Paulo, 1981) foi a mais eficiente versão nacional do tema. A cena final, onde a heroína vivida pela modelo Silvia Galgardo morre electrocutada, enquanto passa por-se um processo de fetos num estúdio, é sem dúvida a cena de morte mais eclética já feita pelo cinema brasileiro.

No exterior a série de filmes "A Sexta-Feira 13 (Friday the 13th)" e Halloween tem sido erroneamente classificadas como filme de psicopata, o que não é verdade. A partir do momento em que Jason Vorhees e Michael Meyers tornaram-se zumbis inertes, recuperando a cada filme, eles entraram na categoria de ameaças sobrenaturais. Criaturas de fantasia, não mais psicopatas palpáveis.

A figura do psicopata tornou-se tão popular que até do terror e invadiu outros gêneros, como a ficção científica. Jack, o Estripador, viajou numa máquina do tempo em Um Século em 45 Minutos (Time After Time, 1979), de Nicholas Meyer e veio parar em nossa época, que considerou um verdadeiro parceiro para os psicopatas. Daqui, como todos sabem, Jack se mandou para o futuro e acabou, quem diria, a bordo de uma nave espacial Enterprise, no século 23.

Psicose rendeu duas continuações mas por motivos óbvios o cinema americano não quis filmar o retrato que Robert Bloch, o autor do primeiro Psicose e pai de Norman Bates (que não tem se não como todos pensam) bolou para Psicose II. Na versão do autor, Norman Bates sai do hospício 15 anos depois e descobre que o cinema americano está fa-

zendo um filme sobre seus crimes. Resolve cobrar direitos autorais. Bloch faz um divertido comentário sobre a sociedade que condena um psicopata e ao mesmo tempo transforma seus crimes em diversão para as massas.

Como todo tema super-explorado, o psicopata já mostra sinais de esgotamento até entre os fãs do terror. Numa reunião de aficionados do gênero, há meses, ouvi um sujeito contenda para outro a abertura do filme Evil Dead II. Quando o cara disse: "É sobre um grupo de pessoas que vão para uma cabana num bosque...", o outro replicou: "Oh não, não me diga que tem um psicopata no bosque, não de novo!".

Se o gênero vai sobreviver no futuro vai depender da criatividade dos cineastas... ou dos psicopatas, a atormentarem a humanidade com covas e macabros segredos. Que o diga Hal 9000, o primeiro computador psicopata do espaço sideral.

Assinado, Jason Meyers



Na página anterior e acima aparecem respectivamente, os famosos e consagrados assassinos do cinema, Michael Meyers da série Halloween (atualmente com 5 filmes) e Jason Vorhees da série Friday the 13th (contando até o momento com 8 filmes). Ambas as séries fazem muito sucesso no mundo inteiro, tornando-se extremamente populares. Isso explica a existência de tantas sequências, com possibilidades de ainda surgirem outras mais.

psicopatas

RESERVE O SEU EXEMPLAR !

Pedido de reserva por 1 edição no valor de 7 BTN's. Favor enviar cheque nominal cruzado para Renato Rosatti. Ver endereço na página 2.

No número 12, um fanzine maior: mais centos, artigos, resenhas, desenhos

**NÃO PERCA SEU EXEMPLAR !
TIRAGEM LIMITADA**

F I C C Ã O

OS ÚNICOS ET'S NA TERRA SOMOS NÓS

Por IVAN CARLOS REGINA

Capítulo 1

Muitos exploradores espaciais e até vocês são levados a crer que os melhores alienígenas são os DRUMGUM e as GO-GO-GETS, mas não são, ou antes, não eram.

Nossas naves terrestres vasculharam o Universo à procura de riquezas, levando o capitalismo onde nenhum homem jamais esteve.

Se você não sabe, os DRUMGUM são seres humanóides, chamados em Portugal de bestiais, de tórax amplo e bíceps avantajados. Tem dois tufofos de pelos debaixo do braço, um alaranjado e outro cor-de-rosa. Mas não ria ao ver aqueles homemzarrões de pelinhos multicoloridos, pois isso poderia lhe custar caro.

Trabalham nas docas como estivadores, ou em qualquer lugar tal que um Q.I. menor que setenta seja útil. Como recompensa aceitam um torrão de sal (um desequilíbrio hormonal faz com que sejam ávidos por salário) e somente conseguem balbuciar monossílabos tais como: PRUM-TUM, BRU-DUM, DRUMGUM. Daí seu nome. Perfazem alguns milhões e estão espalhados realizando a Grande Obra do Homem a custos baixíssimos, pois o mais importante é que não são sindicalizados.

Capítulo 2

As GO-GO-GETS foram descobertas no Planeta de Mahagony (não por acaso). Eram, e são, por assim dizer, uma espécie de praga local. São parasitas animais que se alimentam de plâncton aéreo, abundante na atmosfera daquele planeta. Recém aterrissado, o capitão da nave que ali abordou pela primeira vez, julgou ter tirado a sorte grande:

as GO-GO-GETS são, por dentro, um organismo exógeno, mas por fora são umas tremendas gostosonas, peitudas, coxudas, um tesão. O pobre comandante, que passara 6 meses da travessia interestelar na mão, balbuciou um oh! e caiu de cabeça na orgia. E foi correspondido. Era a maior descoberta do milênio depois da camisinha sem plástico. Enquanto os machos à bordo regalavam-se, um Lineu de serviço que não gostava da coisa declarou horrorizado: A-bo-mi-ná-vel! Classificou-as de "Falsio Femeae Mahagonal" e alertou, colérico, praga, praga, praga! Praga! De balde. Não foi ouvido por ninguém, a não ser por um astronauta embriagado que, enlaçado a uma mulata

com a cara da XUXA, respondeu: Ah, praga doce, antes acabar assim que com esta bicha fosse (este astronauta usava um tampão num dos olhos).

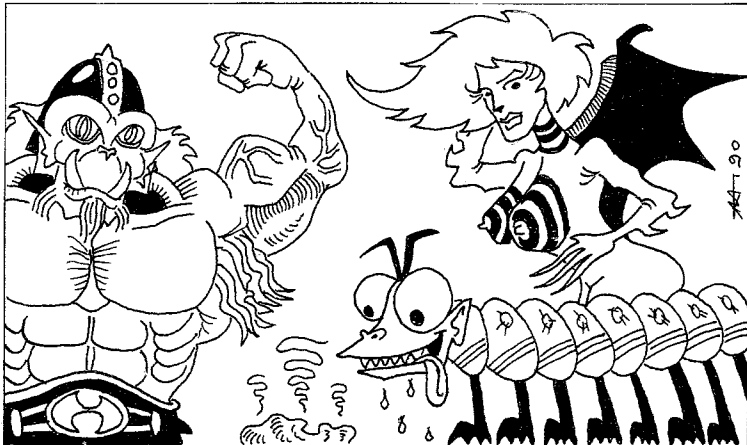
Ofendido, Lineu mandou uma mensagem ao éter incon-sútil:

SOS, mulheres em Mahagony. SOS, mulheres em Mahagony.

E vindo do subespaço, do superespaço, em dobra espacial XII, num átimo naves mil preenchem o espaço porto, desembarcando flibusteiros dos ares, cantando assim:

Eu quero a minha fêmea, eh eh eh
Eu quero a minha fêmea, ah ah ah
Eu quero a minha fêmea, eh eh eh
Eu quero a minha fêmea, ah ah ah

E as loiras, as mulatas, as orientais e as morenas e as brancas de pele de açucenas e umas peitudas como vitória-régia e outras bundudas como Bórgia Lucrecia. E até Hígia, a calípicua foram derreadas ainda que meninas e homens fe-rozes, barbudos como os militantes do PT, hercúles oportunistas bise-



vam o rapto das sabrinhas. Mal sabiam eles. Mal sabiam eles que as GO-GO tinham só um problema - só um probleminha - foram levadas a todos os planetas então conhecidos e passaram uma semana de luxúria; e então tiveram banzo. BANZO. BANZO. BANZO. BANZO. BANZO. BANZO. BANZO. BANZO. BANZO. Foi aquela água - para não falar pior. Era só serem abordadas sexualmente e elas punham-se a vomitar: UOOHOH... UOOOAAHH... UOOOAAHH... UEEHHH... ; UOO UOOSMERCK! E não dá! E não dá! E não dá! Vil leitor, você já tentou? Diga-me sinceramente, de peito aberto e inaguilha fechada, você já conseguiu? Eu não, e nenhum homem que se preze jamais conseguirá - até que chorar passa mas e reto não, enquanto ela vomitar. O sonho acabou. As GO-GO-GETS foram um blefe que não deu, ou melhor, não deram, certo?

Capítulo 3

Resta-nos agora a missão de nos contar sobre os GLONKS. São criaturas abjetas, descobertas no imundo Planeta GLONKWORLD, pelo venerável capitão Nelson-Li da Imperial Arma da Terrestre. Ao desembarcar, viu Nelson centenas de formas de vida, nenhuma peculiar. No fim da tarde, quando, dentro da sua barraca de campanha, o ordenança toron PORON PORONPOROPON POROPONPON PORONRONPO MPOM (é hora de recolher), Nelson após cogitar doze alternativas resolveu defecar. Quando se defrontava com a grande realidade, estarecido, viu uma lagarta nojenta, de cor creme, esgueirar-se para as recém colocadas fezes e deglutí-las. Aquilo foi demais para o ego do capitão. Pôs-se a gritar: Socorro. Tarada! Socorro. Tarada! Tarada. Taradda com dois d! E a lagarta, ali, ó, SCHULEP.

E o comandante, ali, ó, SLURP.

Nelson entrou em estado de choque e foi para a história. Foi encontrado desmaiado, ao lado de um prato recheado de marron glacê. Ali nasceu tudo. Os GLONKS são tão ali enígenas que se alimentam da escória humana: fezes, lixo, lodo, petróleo derramado, restos de hospital, césio, merda, embalagem, poluição, plástico, luxúria, azoto, gás carbônico, hamburgheres, enfim, tudo que jogamos fora e graças a

seu metabolismo defecam iguarias: caviar, patê de foie-gras; urinam bordeaux, pudins, frutas raras, trigo, condimentos exóticos, tudo que enche o olho e a boca de um gourmet. Foram importados aos milhares e todos hoje tem um domesticado, que zanza pelas casas dos bares sofisticados. Adeus poluição, os seres GLONKS são a solução.

Ah, mundo alienígena.

Ah, vasta extensão do Cosmos.

Estranhos são os seus desígnios.

A força bruta não é nada, nem o vil sexo se aproxima da boca, este prazer que nasce da necessidade.

Trepamos só trinta anos, mas comemos do nascimento até a mais avançada idade.

Posfácio

Ah Terra você é um planeta azul só por fora
Por dentro você tem tanto marron
Tanto preto tanto sangue
Tanta arma
Eu te queria verde e azul e branca
Mas Terra
Você tem homem você tem gente
Você tem eu
E eu consumo mais do que queria
E eu que queria mesmo era não consumir
Tanto verde. Tanta carne. Queria não matar para poder viver.
Terra! Terra! Terra! O que eu queria era só te curtir. Só existir. Ah!

OLHO VIVO Por ANITA C. PRADO

Ralphy lambeu os lábios grossos, após engolir o olho direito daquela galinha que ainda viva, agonizava diante daqueles homens embriagados, que apostaram contra ele.

Pegou o dinheiro de todos e ainda gargalhou ao limpar com uma das notas, o canivete ensanguentado, dizendo em seguida:

— Nunca duvidem de Ralphy Demonius, amigos.

Pensando na esposa grávida, saiu apressado do bar e dirigiu-se até sua casa, com os bolsos cheios; ao chegar lá, foi recebido por Dona Martha, a parteira, que lhe disse:

— Sua mulher acaba de ter um menino, Sr. Ralphy, mas...

— Mas o quê? Vamos, diga!

— Sinto muito, Sr. Ralphy, mas ele nasceu sem o olho direito.

THE PI-A-SAW BIRD

RICHARD STOOKER

Richard Stoker, 37, é um escritor profissional norte americano de Saint Louis, Montana. Com trabalhos publicados em revistas de FC, ele nos contatou e enviou para publicação exclusiva em MEGALON e para o conhecimento do fandom brasileiro, esta história intitulada "The Pi-a-saw Bird", uma fantasia baseada numa lenda indígena. Foi publicada originalmente na FANTASTIC de dezembro de 1975 e marcou sua estreia profissional.

Traduzido por Maria Angela C. Bussolotti.

Enquanto costeávamos ao longo das rochas terríveis devido a sua altitude e comprimento, vimos um monstro pintado em uma das pedras, o qual nos surpreendeu no início e ao qual o mais corajoso índio não se atreve a olhar durante muito tempo. É tão grande quanto um bezerro, com chifres na cabeça como um gamo, uma visão medonha, olhos vermelhos, com barba como um tigre, a face de algum modo parecida com a de um homem, o corpo coberto de escamas e a cauda tão longa que dá a volta no corpo, passa pela cabeça e para baixo entre as pernas terminando finalmente em rabo de peixe. Verde, vermelho e um pouco de preto são as cores empregadas.

-- Excerto do diário de Pere Marquette, de sua viagem pelo Rio Mississippi em 1673.

O chefe Quatoga agachou-se sobre a grama da planície no topo do monte. A noite não tinha lua. Na semi-obscuridade dada pelas estrelas, ele vigiava Lua Sorridente, sua filha de dezesseis verões, na beira do monte. Ela estava esperando por alguém. O Pai das Águas, o Rio Mississippi, fluía abaixo deles.

Muitas noites atrás Quatoga havia acordado e notou que ela tinha saído da cabana. Ela só voltou muito tempo depois. Como ela repetisse a fuga várias vezes, Quatoga perguntou-lhe onde ela ia.

Lua Sorridente corou, mostrou-se assustada e disse: "Foi só um passeio."

Quatoga decidiu investigar. Se ela estava se encontrando com um bravo que fosse digno dela, Quatoga não se importaria. Eles poderiam se casar o mais cedo possível. Mas ele tinha que ter certeza.

Uma forma escura apareceu na borda do monte e ergueu-se silenciosamente para o topo.

Quatoga juntou suas sombrancelhas. Por que ele escalou a face escarpada em vez de simplesmente subir pelo caminho que vinha da vila?

O homem se ergueu e colocou seus braços em volta de Lua Sorridente. Ela riu suavemente. Ele curvou sua cabeça para ela.

Quatoga não podia adivinhar mais. Ele sabia agora porque Lua Sorridente havia se mostrado assustada quando ele a questionou. O homem não era um Illiniwek. Ele era um Osage, um inimigo. Quatoga rapidamente levantou seu arco e ajustou uma flecha. Ele levantou-se.

"Vá embora", ele gritou para Lua Sorridente.

Ele nunca imaginou que ela desobedeceria. Antes disso ela tinha sido sempre uma boa filha. Ela ha-



MICHAEL NALLY

via sempre feito o que ele lhe dizia. Encontrar-se com um Osage era errado, mas ele estava certo que ela reconheceria seu erro imediatamente.

Por isso, quando atirou ele pensou somente no seu alvo.

Quatoga mirou no peito do homem. Ele não podia errar naquela distância. Mas Lua Sorridente não se afastou. Ela pulou de encontro ao seu amado. A ponta da flecha de pedra do seu pai penetrou em sua garganta. Houve um esguincho de sangue escuro e seus olhos se tornaram baços e imóveis.

O bravo Osage não gritou nem tentou alcançar seu arco. Ele somente olhou com ódio para Quatoga. Então pegou Lua Sorridente gentilmente em seus braços. Antes que Quatoga pudesse atirar novamente ou mesmo se mover, o Osage caminhou lentamente para a borda do penhasco e pulou.

Muito tempo depois, Quatoga forçou-se a olhar para o grande rio que seria a tumba de sua única filha. Uma vez ele havia imaginado que poderia jogar todos os seus problemas e preocupações na água como se fosse um monte de lixo e que a corrente levaria tudo embora.

Esse era um pensamento amargo que o acompanhou conforme voltou pensosamente para a vila.

A tribo de Quatoga, os Illiniwek vivia em uma pequena brecha das altas montanhas escarpadas que costeavam a margem leste do Mississippi. Mas nesse ponto o rio se acalmava, correndo de oeste para leste. Havia abundância de caça, pesca e o solo era fértil.

Quatoga havia liderado bem por muitas estações. Eles nunca tinham passado fome durante seu tempo, nem perdido uma batalha. Até tão longe quanto os grandes lagos no norte, homens tremiam com medo ante seu nome.

Ele tinha a força de um homem muito mais novo que ele. Sua face estava sulcada de cicatrizes e linhas profundas de muitas preocupações. Ele tinha uma esposa chamada Wauniti e um filho de 20 anos chamado Utim.

Quando era ainda um jovem chefe, ele havia sonhado uma vez com o Grande Espírito na forma do sol e alvorada. No dia seguinte ele

mandou tatuar essa imagem nas suas costas. Por causa disso ele sabia que o Grande Espírito estava sempre com ele.

E até essa noite ele nunca havia duvidado. Nunca pensou que pudesse se extraviar do caminho do Grande Espírito. Ele havia sido feliz, sempre satisfeito com a forma como governava a tribo. Ele havia matado somente seus inimigos.

Agora, pela primeira vez ele sentiu como se o sol tatuado em suas costas estivesse se pondo ao invés de se levantado.

Após deitar em sua esteira de dormir, ele não conseguiu fechar os olhos por muito tempo. E quando finalmente conseguiu, teve um pesadelo.

Uma terrível tempestade caiu sobre a tribo. Uma chuva fria caía em torrentes que torturavam a pele nua. Trovões triturravam e reverberavam pelos céus. Raios denteados feriam a planície, ateando fogo na grama seca nas colinas próximas. As chamas iluminavam o céu escuro cheio de nuvens, com um brilho demoníaco, lançando sombras deformadas por todo o horizonte.

Seu povo se escondeu. Mas a fúria os encontrava onde quer que se abrigassem. A tempestade achatou suas cabanas. O Pai das Águas saiu de seu leito e subiu cada vez mais alto. As chamas furiosas impediam que se pudesse escapar por trás. Alguns tentavam escalar a face alcanilada dos despenhadeiros, mas eram arrancados de lá pelo vento e atirados no rio agitado.

E para todos os lados que Quatoga olhava, ele via a face torcida, torturada, de Lua Sorridente.

Quatoga acordou suando e tremendo. Ele sabia que o sonho havia sido mandado pelo Grande Espírito para lhe avisar que um grande desastre estava próximo. E Quatoga não tinha como evitá-lo.

Ele estava ainda preocupado e irritável na manhã seguinte. Não sabia o que esperar. Não sabia o que dizer sobre o desaparecimento de Lua Sorridente.

A luz da manhã estava apenas começando a aparecer rio abaixo enquanto ele se lavava junto com vários homens. As mulheres da tribo haviam acordado mais cedo. Elas agora estavam catando ramos e mexendo nos carvões da fogueira para

reacender o fogo. As crianças gritavam e brincavam.

O guincho distante tornou-se audível gradualmente. Uma mancha negra apareceu no rio a oeste. Era um pássaro gigante que chegava rio acima, voando mais rápido que um falcão. Seus gritos eram como espinhos furando a nuca de Quatoga. Pernas verdes escamosas cobriam seu corpo. Asas vermelhas batiam com o som de trovões. Ele tinha chifres como os do gamo, uma face feroz, aterrorizante, e cabelos longos e embaraçados no seu queixo. Sua cauda era três vezes maior que seu corpo e terminava em barbatana de peixe. Garras imensas, afiadas, estavam abertas enquanto ela voava diretamente para a vila.

Quatoga estava subindo pela margem do rio enquanto o pássaro se aproximava. Ele jogou-se ao chão, enterrando sua cara na poeira e agarrando as raízes da grama.

Ouviram-se gritos de agonia. Quatoga levantou sua cabeça e viu o pássaro carregar Mugangout, um guerreiro corpulento, em suas garras.

Quatoga levantou-se. Ele sentia-se muito velho e fraco. O flagelo do qual havia sido avisado apenas começara. Haveriam mais vítimas. E o Grande Espírito não mais apoiava Quatoga.

A tribo começou a voltar lentamente as suas atividades interrompidas. Mas as pessoas fariam a dança da morte essa noite. E eles ouviriam os lamentos da mãe e da viúva de Mugangout.

Eles achavam que Lua Sorridente era mais uma vítima do pássaro. Quatoga não conseguia se decidir a contar-lhes a verdade.

Uma ou duas vezes por semana ao amanhecer, o pássaro emergia de sua caverna cheia de ossos a cinco milhas a oeste. Ele carregava o primeiro homem, mulher ou criança que via em campo aberto. As pessoas chamavam o pássaro de Pi-a-saw, o Pássaro-que-devora-homens. Eles nunca sabiam quando ele apareceria novamente.

Nada poderia pará-lo. Quatoga ordenou a seus homens para atirar nele. Mas as flechas saltavam em sua pele dura. Kohale, o homem dos remédios, tentou todos os feitiços que conhecia para espantar maus espíritos. O pássaro sempre voltava.

Kohale foi à tenda de Quatoga de

pois da décima vítima. O teto de sua tenda estava coberto com pedaços de casca de árvore e esteiras. Mas os lados estavam abertos para deixar o ar quente sair. Wauniti estava na frente, assando um pedaço de carne de gamo em um fogo pequeno, quase sem fumaça.

Usando sua saia de pele de gamo, longa até os joelhos, Wauniti pegou uma rocha quente do fogo e jogou-a em um pote de barro cheio de água e espigas de milho. Com um chiado a pedra começou a esquentar o conteúdo do pote.

"Venha e aproveite a sombra", disse Quatoga. Ele tirou vários potes de barro bastante decorados da outra esteira de grama. Seu arco e flechas, roupas e cachimbos cerimoniais estavam empilhados em um canto.

Kohale sentou-se. Ele era baixo e magro. Sua face acizentada mostrava lágrimas e cansaço. Seus olhos fundos mostravam aquele olhar de tristeza que todo curador adquire.

Após os cumprimentos preliminares e perguntas que a cortesia exigia, Kohale disse: "É com você".

Quatoga estudou sua face. "O pássaro Pi-a-saw?"

Kohale não respondeu.

"Mas eu não posso."

"Você deve."

"O Grande Espírito me deixou. Eu estou velho e inútil para a tribo"

Kohale colocou sua mão no ombro de Quatoga. "Quem mais pode nos ajudar?"

"Você acha que eu gosto de ver meu povo ser levado e devorado? Mas o que eu posso fazer? O Grande Espírito me abandonou."

"Você fica repetindo isso. Mas o que significa? Por que o Grande Espírito o abandonaria?"

Quatoga fixou o olhar no chão, angustiado. "Eu não posso dizer."

"Alguma coisa está errada. Mas você não vê? Você deve me dizer. Não é um problema só seu, é de toda a vila. Todos nós estamos sofrendo."

Quatoga suspirou: "Eu não posso ter paz nenhuma?"

"Parece que não."

Quatoga cruzou os braços e abaixou a cabeça. "Você está certo. Meus problemas não contam. Você é um velho amigo, eu posso lhe contar. Mas ninguém mais deve saber. Nem

mesmo Wauniti. Especialmente ela."
"É claro que não."

"Foi na noite antes do primeiro ataque. Eu segui Lua Sorridente. Eu queria saber se ele era bom o suficiente para ela. No topo do penhasco... um Osage. Eu atirei nele, mas acertei ela. O Grande Espírito mandou-me um sonho terrível nessa noite. Ele me abandonou. Estou sem forças. Tenho sido como uma mulher velha. Você entende agora?"

"Eu vejo que se o Grande Espírito está zangado com você, o chefe da tribo, então a tribo está com problemas. Você deve achá-lo novamente. Purifique-se. Peça ajuda ao Grande Espírito. Não há outra solução."

Quatoga balançou a cabeça. Ele não gostava disso. Não queria passar essa provação. Mas era a única coisa que poderia fazer. "Eu vou embora", disse. "Não farei nada por meia lua, só jejum e pedirei sua ajuda. Se ele não responder... será a vez de Utim de liderar."

Kohale disse: "Está bem." Ele tirou um cachimbo de barro e algum tabaco de sua bolsa. O cachimbo parecia uma cabeça humana, finamente pintada e desenhada por Terohonawaka, o artista e construtor de arcos da tribo.

Eles acenderam a erva com um graveto de fogo e fumaram. Seu perfume ajudava a afastar os maus espíritos.

Quatoga acordou na manhã seguinte antes de qualquer outro da vila. Depois de colocar suas calças e mocasins de sola macia, ele escureceu sua face e saiu. Ele subiu ao alto dos penhascos na escuridão e dirigiu-se a oeste.

Durante todo o dia, sob o sol escaldante, Quatoga margeou a face do penhasco. Quebrados e desiguais os escarpados tinham muitas bordas, sendas e apoios para as mãos. O chão estava cheio de pequenos pedaços de arenito. Ele encontrou conchas bem acima do nível do rio. E em certas rochas, ele viu pinturas de plantas e conchas que ninguém havia pintado.

Ele passou um largo riacho e mais tarde uma lagoa azul cercada por altos penhascos. Pela tarde, ele descobriu duas cavernas nos penhascos. Uma era seca e empoeirada. Grandes pedras arredondadas estavam em frente a ela, juntos como se estivessem sido casualmente jogadas pela mão de um gigante.

Mais adiante e mais embaixo, Quatoga encontrou o que ele denominou a Caverna do Riacho. O ribeiro fluía de dentro dela. Depois que saía, caía dez pés até o chão e corria suavemente pelo declive do penhasco.

Quatoga mergulhou seus dedos na água fria. Ele levou um pouco para sua boca e matou sua sede.

Havia uma grande pedra de cada lado da caverna. Se ele ficasse de pé sobre a da esquerda, Quatoga poderia subir até um vão isolado no rochedo. Era apenas grande o suficiente para ele sentar com suas pernas cruzadas. Esse era um bom lugar, decidiu ele, para passar metade de uma lua jejuando e rezando para o Grande Espírito da Vida.

Ele passava as noites em uma cama de folhas na Caverna Seca, onde uma saliência de pedra o protegia da chuva. Durante o dia ele sentava na Caverna do Riacho e olhava para as claras, limpas e amplas águas do Mississipi; suas ondas se agitavam e brilhando sob a luz do Sol.

Ele podia ver um pequeno pedaço à sua esquerda onde a linha dos penhascos se acabava inclinando-se para baixo até imergir na planície achatada. Os penhascos pintados de cinza, branco e marron, continuavam longe a oeste. A terra plana na margem oposta era coberta por grama alta marron e ressecada, além da borda do rio. A dez milhas, diretamente em frente, Quatoga sabia, havia um outro grande rio que fluía para o Mississipi várias milhas rio abaixo. Todos os riachos, ribeiros e rios, eventualmente se juntavam ao Pai das Águas.

Quatoga começou a perceber que havia um padrão unindo a terra e todas as coisas vivas. Os Illiniwek, os homens menores, animais, insetos e plantas eram uma parte disso. Controlando tudo estava o Grande Espírito. Quatoga pretendia purificar-se e imergir inteiramente na grande ordem das coisas.

Ele rezava continuamente por orientação. E ele suplicava ao Grande Espírito que salvasse seu povo do pássaro Pi-a-saw, para que eles pudessem viver sem medo. Mas os dias se passavam sem que houvesse resposta.

Ele jejuou, vivendo somente da água do Riacho da Caverna. Ele ignorou as dores da fome. Seu estômago encolheu-se até uma pequena bola.

A pele ao redor de sua cintura, pei-
to e pernas se esticou conforme e-
le perdia peso. A fraqueza da des-
nutrição cresceu adicionada ao can-
saço da idade.

Finalmente a lua completou a me-
tade do seu ciclo, mas ainda Quato-
ga não havia contatado o Grande Es-
pírito. Só faltava uma noite. Muito
desanimado e cansado para se levan-
tar, Quatoga enrolou-se, joelhos
contra o peito, e deitou-se em seu
nicho. A parte de trás de sua cabe-
ça e pescoço se apoiavam na rocha
dura. A lua brilhava serenamente
na superfície da água. Mas para o
chefe Quatoga não havia paz.

Parecia que o rio e o Grande Es-
pírito haviam abandonado seu povo
para sempre.

Seu corpo tornou-se leve. Sua ca-
beça sentia-se tonta. Ele adormeceu
ouvindo o som murmurante da que-
da d'água.

Quatoga escorregou mais e mais
na inconsciência. Toda a percepção
de seu corpo o abandonou. Ele flu-
tuou como um fantasma para uma ter-
ra escura, negra. Estava quente. O
ar era espesso. Então uma luz bri-
lhante, ofuscante, queimou na sua
frente, mil vezes mais brilhante
que o globo ardente que havia sido
pintado em suas costas. Quatoga vi-
rou seu rosto para outro lado. Era
o Grande Espírito da Vida.

Ele lhe falou. Não com palavras,
mas Quatoga entendeu. O pássaro Pi-
a-saw tinha um ventre macio. Para
apanhá-lo, um bravo guerreiro deve-
ria se oferecer como isca. No ama-
nhecer do dia seguinte ele deveria
ficar no topo dos penhascos com
vinte guerreiros escondidos atrás
dele. Quando o pássaro Pi-a-saw o
atacasse eles deveriam estar perto
o suficiente para atirar flechas
envenenadas no local vulnerável. Es-
se era o único modo de se redimir
de Lua Sorridente e salvar a vila.

Quando Quatoga acordou naquela
manhã, todo o cansaço o havia aban-
donado. Ele se alegrou e estava an-
sioso para retornar. Ele parou ape-
nas o suficiente para lavar a poe-
ira negra e a lama de sua face e
pintá-la com vermelho e azul, as co-
res do guerreiro triunfante.

No seu retorno à tribo reuniu um
conselho. Por toda a tarde e noite
as pessoas se prepararam para a ba-
talha. Eles caçaram copperheads pa-
ra o veneno. Terahonawaka colocava
pontas de pedra nas flechas de ma-

deira e depois as mergulhava no ve-
neno coletado. Quatoga selecionou
vinte guerreiros, incluindo Utim,
para matar o monstro.

"Mas quem vai se levantar e se o-
ferecer ao monstro?" inquiriu Kohale.

"Eu vou.", disse Quatoga.

"Você!"

"Sou quase um homem velho. Sinto
como se meus cabelos já fossem qua-
se cinza e meus ossos quebradiços.
Eu sou aquele que a tribo menos ne-
cessita."

"Você está errado", disse Kohale.
"Nós precisamos muito de sua orien-
tação."

"Meu único pensamento agora é pa-
ra a tribo. Eu sou o único que mere-
ce morrer. Não permitirei que um
guerreiro útil morra em meu lugar."

"Não é por causa de Lua Sorriden-
te, é? Você não pode se sacrificar
em sua memória."

"Ela nada tem a ver com isso. Você
não pode mudar meu pensamento. Vá
embora e deixe-me sozinho."

Antes da reunião da tribo, os ar-
queiros, vestidos com penas de guer-
ra, visitaram a tenda de Quatoga. E-
les atiraram um pássaro empalhado,
um falcão ou um corvo - dependendo
do seu totem - em uma pele estica-
da na frente da tenda. Depois eles
dançaram a dança de guerra cerimoni-
al prometendo sua lealdade e entoan-
do um cântico ritual para seu espí-
rito guia:

"Oh, falcão (ou corvo), eu lhe su-
plico que quando eu perseguir o ini-
migo eu possa ir com a mesma veloci-
dade na corrida que você tem no vôo
e que eu possa ser admirado pelos
meus companheiros e temido pelos me-
us inimigos."

Utim foi o último a se aproximar
de Quatoga. Ele tinha a mesma cons-
tituição musculosa, de ossos longos
igual a seu pai. Quatoga havia trei-
nado o menino até que eles se exce-
dessem nos jogos, proezas de força
e de boa pontaria. Quatoga tinha mu-
ita confiança em que seu filho seria
a um bom chefe quando ele se fosse.

Uma hora antes do amanhecer, Qua-
toga liderou os homens na noite fri-
a. Ele escolheu um lugar alto no pe-
nhasco, cercado por grama alta e
árvores por trás das quais os guer-
reiros pudessem se esconder. A face
do penhasco abaixo era achatada -
uma queda abrupta para o rio.

Enquanto esperava, Quatoga espan-
tava os mosquitos. Parecia engraça-
do que as menores criaturas voado-

ras o aborrecessem agora, logo antes que a maior delas o devorasse.

As estrelas brilhavam como pequenas pedras preciosas no fundo do rio noturno da escuridão. Quatoga respirou profundamente o ar fresco. Ele entendeu agora como era bom estar vivo apesar do sofrimento, fome e velhice se aproximando. Ele não queria morrer.

Ele olhou para o leste e puxou seu cobertor vermelho mais apertado em torno de si. A madrugada logo chegaria. Os arqueiros escondidos permaneciam imóveis, como haviam sido treinados.

O Sol acendeu o céu a leste, mandando seus pálidos raios através da terra e água.

Quatoga virou-se para oeste em direção da caverna do Pi-a-saw. Seu corpo parecia uma série de ossos mal conectados encobertos frouxamente com pele. Nunca antes ele havia se sentido tão pequeno, frágil e fraco. Para não pensar no perigo, ele rezou ao Grande Espírito da Vida e cantou cantos de guerra. Sua vida não era importante, só a da tribo.

Um grito agudo quebrou a calma da manhã. Um estremecimento involuntário correu pela espinha de Quatoga.

Com suas asas batendo com o som lamentoso do vento oeste, o pássaro Pi-a-saw deixou seu covil e circulou no céu à procura de sua vítima. Ele localizou Quatoga imediatamente.

Com outro grito agudo ele voou em sua direção. Raios faiscavam em seus olhos.

Quatoga gemeu silenciosamente e enterrou seus dedos e calcanhares no chão coberto de orvalho. Ele estava determinado a ficar firme. Ele não podia desviar os olhos de suas garras afiadas e olhos vermelhos e demoníacos.

Mais e mais perto ele chegou, enchendo o céu. Suas garras amareladas estavam esticadas. Quatoga fechou os olhos.

Ele havia sido ferido várias vezes no passado. Mas essa dor alucinante rasgando em seus ombros era pior do que qualquer coisa que ele houvesse sentido antes. O mundo tornou-se vermelho. Ele desmaiou, mas acordou logo após, quando o pássaro o carregou no ar.

Os guerreiros levantaram seus arcos e atiraram suas flechas. As fle

chas emplumadas penetraram nas asas ~~sax~~ e ventre do pássaro Pi-a-saw.

Ele gritou ultrajado e tentou voar mais alto, enquanto Quatoga escapava de suas garras. Os arqueiros continuaram a bombardeá-lo. Logo o veneno se espalhou e fez efeito.

Como a dor havia amortecido com o choque, Quatoga pôde ver o fim. Asas gigantes batiam convulsivamente, o pássaro Pi-a-saw rolou pelo penhasco e caiu pela sua borda para o rio.

Os guerreiros se juntaram em volta de Quatoga. Mas não havia nada que eles pudessem fazer. A frente de seu peito estava toda rasgada. As garras haviam penetrado profundamente em seus pulmões. Seu sangue corria pelo chão.

Mas Quatoga sorria para si mesmo. Seu povo estava seguro agora. Ele poderia morrer em paz.

Ele estendeu uma mão para seu filho. "Lidere-ps bem, Utim", ele disse. "E dance feliz essa noite. O Pi-a-saw nunca mais atacará. Você deve celebrar. Você deve ser muito feliz. Esse é meu último desejo."

O aperto da mão de Utim ficou mais forte, mas como um bom guerreiro, ele não chorou.

Quatoga fechou os olhos. Ele não tinha mais nada para dizer aos vivos. Ele queria se concentrar. Após a angústia mental que ele havia sentido desde a morte de Lua Sorridente, essa aguda dor física era fresca e saudável. Ela lavava sua culpa.

O mundo estava ficando preto. Quatoga, deitado de costas na grama da campina no topo do penhasco, abriu-se para a escuridão esmagadora.

O Grande Espírito retornou a ele.

Durante todo o dia e noite, os índios Illiniwek festejaram, participaram de jogos e dançaram para festejar. Eles animaram Utim. Eles agradeceram ao Grande Espírito pela sua segurança. De manhã, Terahonawaka pegou seus pigmentos e fez uma pintura do pássaro Pi-a-saw no rochedo achatado onde ele havia morrido.

Daquele dia em diante, todos os homens que passam pelo rio em suas canoas escavadas, atiram uma flecha na figura ameaçadora para lembrarem-se do chefe Quatoga e do Grande Espírito da Vida.

Nas próximas edições de MEGALON, nós publicaremos outros trabalhos de Stoker. Aguarde.

OS TRES VÉRTICES

por ROBERTO SCHIMA

Vento quente e abafado.

Pequenos redemoinhos vagavam sobre as dunas ondulantes.

Não haviam nuvens no céu tardio, apenas o Sol, que tudo via.

Não havia vida na terra tardia, apenas a areia, que nada via.

Um redemoinho se formou ao longe. A areia amarelada se agitou no funil rodopiante, fazendo-se ouvir um zumbido áspero.

Ele se aproximou... o ar se tornou mais denso e sufocante.

Sua imagem aumentou em tamanho, o funil pareceu alcançar o céu, roncões ensurdecedores cortaram o ar. Por fim, sumiu tão subitamente quanto apareceu, deixando atrás de si uma fina chuva de areia e os ecos de sua colossal presença.

Murmúrios arenosos... Silêncio.

Em meio ao montículo de areia que se formou, avistaram-se figuras. Indistinguíveis a princípio, até que todos os grãos de areia se depositaram no solo macio e os vultos passaram a adquirir contornos cada vez mais nítidos.

Eram três figuras.

Uma delas era um recipiente cilíndrico, metálico, refletindo brilhos dourados e coberto lateralmente por um rótulo colorido. Existiam inscrições nesse rótulo, mas estavam enevoadas; talvez pela distância, talvez pela areia, ou talvez por uma ferrugem própria, vinda de longas eras.

A outra figura era lisa e branca, de formato oval, provavelmente por se tratar de um ovo mesmo, posto ao mundo por algum réptil ou pássaro extraordinário.

E, finalmente, a última figura. Não apresentava uma forma definida, nem mesmo uma cor. Era como uma sombra, uma nuvem densa e escura, pousada na areia.

As três figuras estavam dispo-

tas de tal modo a constituírem vértices de um triângulo equilátero, tendo ao centro o montículo elevado de areia amarelada.

A atmosfera estava parada como um véu quente, sem fluxo.

Ouviu-se um estálido, depois outro e mais outro.

A lata estava se abrindo na parte superior, como se um abridor invisível, movido por gigantescas mãos invisíveis, o cortasse. O disco de bordas serrilhadas emergiu pouco a pouco.

Simultaneamente, o ovo começou a rachar, revelando a criatura que abrigava.

Da borda da lata emergiram duas mãos magricelas.

— Uahh! — bocejou o homem saído da lata.

— Uahh! — imitou seu companheiro saído do ovo.

O homem da lata era magro, muito magro. Seus olhos eram fundos e sem vida. Seu rosto, apesar de inexpressivo, parecia carregado de intensa tristeza. O corpo era pele sobre os ossos; não haviam

siniais de músculos ou gordura. A pele era muito branca, quase translúcida; parecia que jamais o calor dos raios solares ou o frescor da brisa matutina a tocara.

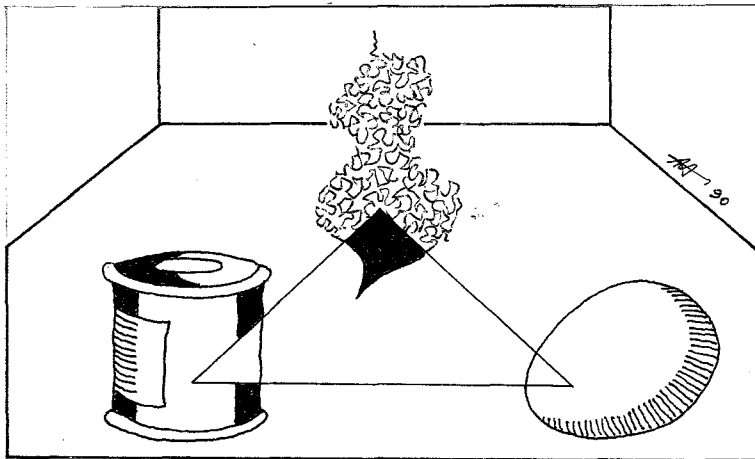
Já o homem do ovo era forte, possuía uma estrutura sólida, músculos proeminentes, carregados de energia. Sua expressão era viva e sua pele era intensamente bronzeada. Seus cabelos negros e espessos foram levados para trás, por um vento súbito. As costas ostentavam um belo par de asas brancas que se estenderam rumo aos ares, saboreando a brisa.

A sombra continuou sombra.

— Quem são vocês? — perguntou o homem da lata.

— Eu? Eu sou Homo Era. E você?

— Nós? Somos Homo Sou.



— Nós? O que você quer dizer com nós? Tem mais alguém dentro dessa coisa?

Homo Sou não entendeu.

— Como assim, mais alguém? Não estamos compreendendo. Estamos somente nós aqui e mais ninguém.

— Mas então, por que é que você fala "nós"?

— E o que é que diremos?

— Ora, pare de falar na primeira pessoa do plural, estou ficando confuso! Diga "eu" quando se referir a você. Fale como uma pessoa normal!

— Nós somos normais. Somos todo com o um. Nascemos, crescemos, trabalhamos, reproduzimos e morremos. Somos Homo Sou. O que querem dizer com "eu"? Não entendemos essa palavra, nunca a ouvimos antes. Vocês são estranhos...

— Eu sou estranho? Puxa vida...

Homo Era afastou os pedaços de casca e exibiu seu belo corpo dourado, agitando as asas, testando sua flexibilidade. Olhou para o homem sem cor diante de si; a maior parte do corpo oculto dentro da lata. A tampa atrás dele ocultando o Sol, de modo que as sombras ocultavam traços mais detalhados de suas feições. Ele se aproximou para vê-lo melhor. Homo Sou encolheu.

— Ei, calma! — disse Homo Era. — Não tenha medo, não vou lhe fazer mal.

Homo Sou permaneceu do jeito que estava.

— Pelos deuses! Você não tem feições, Homo Sou!

— Feições? O que são feições?

— Seu rosto! Seus olhos, sua boca, seu nariz... são apenas fendas! Não existem traços humanos. É como um boneco de argila!

Homo Sou replicou.

— Vocês dizem que nós não somos normais, no entanto, vocês é que são incompreensíveis para nós. Ficam falando palavras desconhecidas ao invés de tentarem estabelecer um diálogo em que todos nós pudéssemos nos entender. "Eu", "feições",... Não entendemos.

— Feições, Homo Sou, são traços particulares que cada indivíduo possui em seu rosto. Cor dos olhos, formato do nariz, sardas, pintas, maçãs do rosto, enfim tudo que possa diferenciar um sujeito do outro. As feições permitem que diferenciemos cada ser humano e

que saibamos quais são nossos amigos ou inimigos ou indiferentes. Elas permitem ainda sabermos quais os sentimentos que passam pelo coração de cada um. Um sorriso significa alegria, o choro é tristeza, um olhar profundo é amor, uma boca escancarada pode ser pavor ou ódio. Está me entendendo?

Homo Sou ergueu seu corpo, continuando ainda meio oculto pela lata.

— O mundo de vocês é carregado de mistérios. Não adianta vocês quererem nos convencer de coisas que nunca vimos ou ouvimos. "Traços particulares", "indivíduo", "cor dos olhos", "amigos", "sentimentos", "sorriso", "alegria", "amor", que significam tudo isso? Não entendemos! Parem com isso, não adianta continuar! Em nosso mundo somos todos iguais, somos o todo com o um. Não compreendemos outra forma de vida que não seja a de existir como um conjunto, um todo. Existimos pelo bem do todo, somos iguais, nascemos, crescemos, trabalhamos,...

— ... "reproduzimos e morremos". Sei, sei — disse Homo Era —, que mundo o seu! Mas, me diga lá, você nunca pensou em mudar tudo isso? Nunca pensou em sair por aí, conhecer o oceano, ver as florestas, ouvir o cantar dos pássaros e sentir o frescor da chuva em seu rosto? Nunca sonhou com lugares maravilhosos, mundos povoados por deuses e deusas, cidades submarinas, estrelas mágicas?

— Em nosso mundo, os oceanos morreram, as florestas terminaram, não existem pássaros e a chuva que cai do céu queima como ácido. E quanto a sonhar... bem, ouvimos velhas lendas sobre o que é sonhar, o mundo interior, coisas assim. Mas não conhecemos, não sabemos, não sonhamos. O mundo é o que vemos, nada mais há além dele, nada mais haverá, nada.

Homo Era fitou o horizonte, o azul fundindo-se ao amarelo. As dunas perdendo-se na imensidão, como ondas encrespadas de um mar congelado. Finas névoas de areia soprando de seus cumes. O Sol deitava-se mais e estava agora quase tocando o solo.

Ele baixou a cabeça, seus músculos tensos, relaxaram; suas asas abertas, se fecharam; suas feições enérgicas e vivas, se entriste-

ceram.

— Tenho pena de você -disse num quase sussurro. - De onde eu venho cada qual é único em seu modo de ser e agir. Eu conheço a liberdade do vento, o doce sabor do néctar das flores. Conheço a alegria de viver na choça com meus parentes e amigos. Conheço a dor da perda de um ente amado e o orgulho de uma caçada bem sucedida. Conheço o temor pelo futuro e a fascinante vida presente. Eu vivo, eu sou.

"De algum modo, por mais irracional que seja, sinto existir entre nós uma afinidade, algo que nos une. Não sei explicar. Olhando para você em sua lata e para esse imenso deserto ao redor, sem nada para olhar além de quilômetros e quilômetros de areia, tudo igual, tudo o mesmo, posso quase sentir o seu mundo, posso quase tocá-lo. Tenho pena de você. É um mundo triste, sem sonhos, sem amor, sem indivíduos. A vida e o nada se confundindo. A chama foi extinta. O gelo reina, cruel e indomável perante a massa uniforme..."

De seus olhos negros, uma lágrima silenciosa vagou pela face, secando-se a meio caminho.

— Também sentimos algo - falou Homo Sou. - Não conseguimos compreendê-los, mas, sentimos algo. Concordamos que nossos mundos são diferentes, muito diferentes. Porém, algo dentro de nós diz que somos ligados por um elo invisível, perdido em algum lugar, não sabemos. Não sabemos pensar como um, somos todo, contudo, nesse instante, olhando para vocês... para você, diante de mim... sinto no fundo de meu ser uma chama surgir. Não me sinto... todo.

Outra lágrima caiu.

Mãos diferentes, de mundos diferentes, uniram-se e se aqueceram. O calor irradiado suplantou ao do Sol e sentiram seus corações alcançarem as estrelas.

Nisso, finalmente, a sombra se manifestou.

— Isso é maravilhoso -disse num tom longínquo, como se a voz tivesse saído de um abismo negro e inalcançável. - Não se assustem. Nada temam. Meu nome é Homo Será. Como podem ver, ou como não podem ver, não tenho forma. Sou ainda fruto de pensamentos, conjecturas, anseios. Sou o futuro de vocês, o fi-

lho de vocês, entretanto, de certa forma, também sou o pai de vocês, pois meus conhecimentos abrangem os seus, Homo Sou, e o seu, Homo Era.

"Fiquei a observá-los por um longo tempo. E pude ver, para minha alegria, uma alegria imensa, que nos tornamos únicos novamente. Da mesma que em cada Homo Era existe um Homo Sou, em cada Homo Sou há a semente de um Homo Era. Juntos são completos, são o nada e o infinito, são alegria e tristeza, sonho e realidade, mágoas e ódios. São eu, Homo Será."

Surgiu uma protuberância negra da penumbra, que envolveu as mãos, ainda unidas, de Homo Era e Homo Sou.

— Somos um novamente - concluiu Homo Será, emocionado. - Agora vão meus pais, meus filhos. Voltem ao mundo de vocês e o conduzam ao caminho da harmonia.

Homo Era e Homo Sou nada disseram. Não havia necessidade de palavras.

Homo Era abriu suas asas majestosas e mergulhou no vasto azul celeste.

Homo Sou mergulhou em sua lata e a tampa se fechou. Ele rolou duna abaixo tornando-se pequenino.

Homo Será olhou ambos desaparecerem em direções diferentes do oceano arenoso. Se ele tivesse olhos, lágrimas silenciosas seriam visíveis.

Quando os dois homens não puderam mais ser vistos, Homo Será fitou o Sol. Metade dele fora engolido pelo horizonte. Ao seu redor o céu se avermelhara em gloriosa fumaça chamejante. O último suspiro do astro-rei.

Formou-se novo redemoinho, surgiu de repente e envolveu Homo Será. O funil tornou-se vento, areia e sombra. O funil elevou-se para as alturas até que desapareceu.

No deserto, a temperatura começou a baixar.

A brisa noturna acariciou as dunas e sussurrou ecos perdidos.

Roberto Schina é um dos principais escritores da Segunda Geração da FC Brasileira. Tem a coletânea "Pequenas Portas do Eu" publicada e é também um ótimo ilustrador, tendo recebido o Premio Nova 89 nesta categoria.

HUBBLE : O SONHO E A REALIDADE

Depois de dez anos de espera e adiamentos o telescópio espacial Hubble finalmente está em órbita, a 640 Km de altura. Nem tudo ocorreu como esperado e o defeito numa antena já provocou um adiamento no início das observações. Flutuando acima da turbulência da atmosfera terrestre, o espelho de 2,40 m do Hubble seria capaz de sondar os limites do Universo, revelando a verdadeira natureza dos misteriosos quasares e detectando planetas em órbita de estrelas vizinhas. Na prática ninguém sabe ainda se os problemas técnicos poderão ser superados e quando o Hubble começará efetivamente a olhar o céu.

Para os críticos da Nasa o Hubble é um prato feito. O telescópio foi projetado para 1975, no auge do entusiasmo da agência espacial pelo seu programa de ônibus espaciais. A idéia original era colocar o telescópio em órbita por volta de 85. Nave como a Discovery e a Challenger fariam isso e depois ficariam de prontidão, prontas para levar astronautas para abordar o telescópio no espaço e consertar qualquer defeito que surgisse. Previam-se também que cada 5 anos o Hubble seria recolhido e trazido para manutenção na Terra.

A explosão da Challenger em 86 adiou o lançamento do Hubble e mudou todo o plano. A Nasa agora julga perigoso tentar pousar um ônibus espacial com uma carga tão pesada como o telescópio de 12 ton. A idéia de trazer o Hubble para manutenção na Terra foi abandonada. O perigo representado pelas partículas de lixo espacial junto à Terra, fragmentos de satélites e gotas de urina congelada que podem atingir um astronauta com um impacto maior que uma bala de fuzil, fazem com que a

Nasa evite ao máximo as atividades extraveiculares e qualquer sugestão de consertar o Hubble no espaço.

Pensou-se em deixar o Hubble em órbita, sem manutenção até 96, quando a estação orbital Freedom estará operando. Nessa época, dizia a Nasa, um veículo orbital robô, o OTV, poderia agarrar o Hubble e levá-lo para consertos num hangar da estação espacial. Infelizmente cortes de verba levaram a Nasa a cancelar a construção do OTV e de um hangar de reparos para a estação espacial. Funcionando bem ou mal o Hubble está por conta própria no espaço. Ele é uma prova de que as expectativas otimistas dos engenheiros espaciais nem sempre se concretizam.

Todavia, mesmo que o Hubble não cumpra sua missão planejada, a década de 90 será marcada por uma revolução na astronomia, capaz de mudar nossa visão do Universo. Novas tecnologias estão permitindo construir telescópios gigantes na superfície da Terra. Um desses telescópios já está funcionando no Chile, operado por astrônomos europeus. Tem um espelho flexível, cuja forma é alterada sob controle de um computador para corrigir automaticamente as distorções nas imagens provocadas pela turbulência do ar. Com um mês de funcionamento já descobriu uma galáxia desconhecida,

Em 98 entrará em operação um gigante de 10 m de abertura, que a Agência Espacial Europeia vai construir nos Andes Chilenos. Será capaz de alcançar o limite extremo do espaço e do tempo. Isso sem falar numa série de telescópios espaciais, menores que o Hubble, mas capazes de observar o Universo com

Projeto Evolução, Henrique Villibor Flory, HVF Representações, São Paulo, 1990, 276 pags. Capa: ilustrações geradas nas Estações Gráficas InterPro 360 e 3070, da InterGraph.

Existe um tipo de história em que a ação é dividida entre diversos pontos de vista, onde personagens diversos vivem situações mais ou menos estanques em tom e andamento, mas que contribuem para a composição de um clima único, de uma única estrutura, uma história só. Poderíamos chamar essa prática de romance-mosaico, que possui virtudes muito particulares e intensas, sendo a principal delas um certo efeito universalizador, como se o papel de cada personagem fosse algo como uma ação representativa: eles estão representando parcelas maiores do todo. O leitor sente-se parte de uma situação tão fulcral que é como se as relações do mundo estivessem todas ali presentes, como se as ações ali passadas fossem, momentaneamente, o fluxo principal de interesse de uma coletividade. Isso é comum na ficção científica, mas não privilégio dela. É comum também ao drama policial urbano, entre outros gêneros. O exemplo é o romance O Sequestro do Metrô (The Taking of Pelham One Two Three; 1973), de John Godey, onde uma grande comunidade, New York City, pára com o sequestro, e as grandes figuras representativas das relações políticas e sociais da cidade, prefeito, comissário de polícia, etc., alternam seus pontos de vista com as figuras do escalão oposto: prostitutas, mendigos, criminosos, policiais, técnicos e burocratas comuns. A cidade está representada ali; por algum tempo uma ocorrência canaliza sua atenção global.

Esse tipo de história tem ótimo potencial de retenção de interesse e suspense. O autor pode distribuir a importância entre vários personagens: um com potencial carismático pode morrer logo de início, e outro que o leitor inicialmente considera dispensável pode escapar ileso, ou até mesmo salvar o dia, sem que essa aparente incoerência prejudique a história. É uma forma de resguardar o circunstancial que a vida possui, explorar o heroísmo ou covardia mais livremente, bem como a identificação do leitor com múltiplos personagens, múltiplas facetas humanas. Isso tudo sem falar do óbito apêlo advindo do efeito do universalizador, além da imprevisibilidade, drama, etc.

Em ficção científica esse recurso é particularmente intenso nas histórias de fim de mundo, ou de grandes catástrofes globais. O mestre indiscutível aqui é Arthur C. Clarke.

O mundo está prestes a acabar, ou grandes mudanças virão. A responsabilidade pela ação está dividida, e muitos são os níveis desse agir: da decisão estratégica tomada em gabinete, à execução física por um subordinado obscuro. A busca pela solução é perseguida pelo desespero e pelo prazo terminal. Os múltiplos pontos de vista transmitem múltiplas ansiedades quanto ao fim, ou esperanças por um (eventual?) futuro. O potencial para suspense e drama são enormes. Cada mudança de cena ou ponto de vista pode ter o impacto particular de um conto, e ressoar pelo restante que segue. O final pode fazer badalar o que ficou retido desses dramas individuais, com alto poder de representatividade.

Este que é o primeiro romance de Flory foi idealizado certamente como um romance-mosaico de FC catástrofe. Um buraco negro irá chocar-se com o Sol, fazendo-o explodir numa supernova. A humanidade se lança, ainda que secretamente, na luta contra o tempo para construir uma nave e fugir do sistema solar. O único modo de consegui-lo no prazo é com o mundo vivendo um esforço de guerra, que é induzida às populações por efeito de drogas de atuação sobre as massas. Uma ótima idéia, muito forte e de grandes possibilidades de exploração.

E não fica só nisso. Há uma situação de descontrole da AIDS gerando pogrons e perseguição política. Há um movimento religioso fanático entre a equipe de fuga. Há uma manipulação regida por uma inteligência artificial de âmbito planetário. Há uma sugestão de intervenção extraterrestre por trás do buraco negro.

Certamente um livro complexo, ambicioso e, até certo ponto bem estruturado. A divisão das ações é interessante e cadenciada, as passagens de uma para outra são efetivas. Mas, parafraseando John W. Campbell, "o problema essencial é motivação; isso é o que faz o leitor se identificar com um personagem na história. Aqui, você tem — em essência — apenas mecanismos".

Os personagens são frios, mecânicos; nenhum parece importar-se sobremaneira com o fim do mundo, eons de evolução que se apagam, milhões de espécies se extinguindo. Nem mesmo lamentam os parentes e amigos deixados para trás. Numa passagem significativa o autor ensaia uma sugestão de pesar por parte de um dos personagens principais, Philip Nagato. Ele acaba de sugerir à Dra. Katherine Douglas que poderia — que deveria — ter previsto a catástrofe; ela tenta consolá-lo:

"E ela teve de ficar ainda mais três horas falando, explicando, até achar que o tinha convencido e acalmado. Mas continuou sem entender porque ele tinha se alterado tanto por uma razão tão boba."

Um bom gancho para um aprofundamento dramático e psicológico, mas o que vem a seguir...

"Quando fei embora, deixou no quarto um Philip calmo, sonhando em como seria bom cobrar a Dra. Douglas com o clássico chantili, para depois lambê-la todinha..."

O gancho é destruído, os sentimentos são vulgarizados, a narrativa cai. Some-se ainda que o autor não foi hábil o suficiente para mergulhar em pontos específicos que lançassem luz sobre o contexto em que a história está fixada ou sobre os elementos de maior interesse: a situação da AIDS, o uso de drogas sobre as massas, a situação estratégica da guerra global. Essa iluminação seria imensamente enriquecedora.

Considerando a idade do autor (iniciando a casa dos vinte) e o fato deste romance ter sido idealizado antes do que foi o seu primeiro livro, a antologia Só Sei que Não Vou por Ai (FC GRD; 1989), não há o que dizer quanto a aparente não evolução apresentada entre os dois, em estilo e efetividade, bem como a má utilização do tema AIDS, presente em ambos.

Mas, pensando que Flory inspirou-se em Clarke, não apenas na estrutura, como também na condução, podemos concluir que ele fez um mau trabalho de apreensão daquilo que melhor caracteriza a força do romance-mosaico de catástrofe. É claro que esse tipo de inspiração não é, absolutamente, condenada

vel, sendo inclusive recurso consagrado, beirando a homenagem. É um comportamento compreensível dos autores inexperientes; mas acredito que Flory escolheu um tipo de histórias muito difícil, que demanda alguma experiência. (Eu também penso que se o livro anterior houvesse recebido uma atuação crítica por parte do editor, o resultado teria sido consideravelmente melhor.) Apesar de tudo, Projeto Evolução possui uma estrutura bem construída e seu nível de complexidade é estimulante, mas Henrique Villibor Flory esqueceu a emoção, valorizou demais o cientificismo e perdeu-se nos personagens. Fica a promessa de melhor aproveitamento futuro de seus potenciais latentes, vistos aqui e no livro anterior.

Energia Mortal, Stephan McSucker, Coleção Século XXI - O Alverecer de uma Nova Era. Nº 4, Ed. Monterrey, Rio de Janeiro, 1989, 126 pags. Ilustração do frontispício por Benício. Coleção obviamente escrita por brasileiros sob os pseudônimos alternados de Edward Gaffinder e Stephan McSucker — aliás, parece claro também que se trata de um único autor ocultando-se sob os dois pseudônimos.

Apesar de gritantemente fraca, a coleção é inusitada por afastar-se do space opera, que é o estereótipo da literatura pulp e por só passar a centrar-se nos apelos comuns à linha da editora — conhecida por séries e coleções como ZZ7, FBI, HH, etc. —, sexo, violência e crime ou intriga internacional, nos últimos dois números, Partículas da Morte e este Energia Mortal. Isso talvez explique o aparente insucesso da iniciativa, embora haja um Nº 5 programado, Festa Espacial.

Nos números iniciais as histórias pareciam compartilhar de um mesmo universo ou, melhor dizendo, fórmula. Alguma descoberta científica ou fenômeno alterou a situação estratégica do globo, obrigando as potências a reestruturarem seus conflitos. Por si só essa linha mostra o quanto a coleção é inusitada, por buscar um exercício extrapolativo, ainda que sejam extrapolações de Superinteressante, completamente frouxas, absurdas e inverossímeis, ainda que na moda: falência dos recursos energéticos, colapso da camada de ozônio, AIDS modificando radicalmente comportamentos, Amazônia ameaçada, etc. Há um tom conservador detectável, com laivos de anticomunismo e certamente tecnicista.

Neste Energia Mortal a Terra está próxima de uma crise energética, com o fim dos combustíveis fósseis nucleares. Providencialmente é detectada por radioastrônomos norte-americanos, um asteroide constituído de urânio puro, que acaba de penetrar no nosso sistema solar. O físico Will Fennick é incumbido de registrar a órbita que ele adotará e estudar um curso de interceptação. A potência que o conseguirá estará na frente na corrida energética. Fennick recolhe-se a uma cabana para efetuar os cálculos em segredo, mas é seguido pela secretária Mariah, que se torna sua amante, mas que também é agente da CIA, com a missão de roubar-lhe os dados. Mas outro grupo rapta Fennick, e Mariah, que se apaixonara pelo cientista, parte audaciosamente para resgatá-lo, num confronto climático cheio de armas desintegradoras alimentadas por anti-matéria.

Como se não bastasse a ingênua situação estratégica ameaçada pelo astro radioativo, há a a contradição clara no uso da anti-matéria — quem a dominasse teria já uma fonte inesgotável de energia. Mas esta é apenas uma das falhas de estrutura e de andamento. A prosa é muito fraca, inferior até mesmo à de outras séries da Monterrey, como ZZ7, por exemplo, que possui ainda a virtude de tratar melhor os seus apelos.

Pessoalmente penso que o Brasil poderia ter a sua ficção científica enriquecida por uma pulp literária, de banca e popular como esta. Mas, assim como a nossa FC juvenil poderia ser bem melhor, esta literatura pulp poderia ser muito melhor. Afinal, a grande ficção científica americana também construiu-se sobre tal espécie de livros e revistas.

Lamenta-se ainda, a falta de respeito para com o leitor, atestada pelo trocadilho em inglês nos pseudônimos, e nos nomes de alguns personagens.

"Cão de Lata ao Rabo", Braulio Tavares, SET TERROR E FICÇÃO, 1º Semestre, 1990, Editora Azul, pag 48. Ilustração fotográfica por Dimitri Lee.

Conto extraído da coleção A Espinha Dorsal da Memória (Caminho 97). Um cientista contrói uma máquina dimensional e é sugado por ela até uma dimensão vizinha, onde é perseguido por bizarras criaturas de volta ao seu laboratório, e a um desfecho terrível. Essa idéia clichê recebe um tratamento intenso através do recurso de parágrafo único (que é também uma oração única!) e de um notavelmente articulada do uso de linguagem, resultando numa eficiente precipitação da leitura e em uma densidade elevada de imagens e significados.

O parágrafo único existe como condutor da técnica do fluxo de pensamento — da qual o conto se aproxima. Também como alternativa a estrutura convencional dividida em parágrafos. A ficção literária frequentemente busca esse afastamento do convencional, das estruturas convencionais, sejam técnicas, linguísticas ou mesmo de pensamento. E, é claro, um afastamento do fator entretenimento na leitura, mas o conto de Tavares é só entretenimento — o que não o desmerece.

Coragem da SET em publicar um trabalho dessa natureza. Esperemos que continue fornecendo espaço para contos nacionais.

Books to Look For

BY ORSON SCOTT CARD

Infelizmente não recebemos o material desta coluna até o prazo estipulado. Por isto, excepcionalmente, deixamos de publicá-la. No seu lugar publicamos RESENHAS por críticos brasileiros, de qualidade não inferior ao do crítico e escritor americano.

- O VAMPIRO LESTAT (The Vampire Lestat), Anne Rice, 1985. Editora Marce Zero (1989), 423 páginas

Quem dentre vocês, pobres mortais amantes dos senhores da noite, aquela excêntrica raça de seres imortais - ou quase - conhecidos como vampiros, não sonhava com a publicação de uma obra que contasse a verdadeira história dos sugadores de sangue? Algo que fosse além do alho e cruzes, estacas no coração e olhos injetados de sangue. Nada contra as versões "tradicionais", às vezes sérias outras nem tanto, mas sempre divertidas, mas apenas o desejo de saber, de uma vez por todas, quem são essas criaturas, de onde vem e para onde vão. Nada tão radical quanto uma pesquisa de mercado para saber que tipo de cripta eles preferem, mas uma versão moderna e, sobretudo, diferente.

Algumas tentativas foram feitas no cinema, nos últimos anos, as mais conhecidas sendo "Os Garotos Perdidos" (The Lost Boys, 1987) e "Quando Chega a Escuridão" (Near Dark, 87), dois bons filmes que aproveitam alguns itens explorados nos livros de Anne Rice, mas sem chegar ao fundo da questão. É dela que estou falando, mais exatamente de "O Vampiro Lestat". Este é o segundo livro da chamada "Crônica dos Vampiros" (o primeiro foi publicado no Brasil com o título "Entrevista com o Vampiro", pela ArteNova, e o terceiro lançado recentemente nos EUA com o título "The Queen of the Damned").

Apresentado no Brasil em meados de 89 pela Marce Zero, "O Vampiro Lestat" é uma das mais emocionantes, bem escritas e criativas obras se-

bre vampiros em todos os tempos, algo que pode ser chamado de um "clássico instantâneo", tamanho o poder com que envolve o leitor e descobre novos e inexplorados caminhos para narrar uma das mais antigas histórias de terror conhecidas.

Nos EUA, Rice já era conhecida e razoavelmente venerada desde 1977, quando publicou o primeiro volume da trilogia (que pelo que se sabe, poderá ser uma quadrilogia), e alguns estúdios de cinema já se interessaram pela aquisição dos direitos autorais, não podendo se descartar a possibilidade de, no início dos anos 90, surgir uma série de filmes seguindo a história de Lestat, o jovem e belo vampiro surgido na França de Luís XVI, tendo sido escolhido cuidadosamente por outro vampiro mais antigo para pertencer à "comunidade" devido à sua inteligência, beleza e força de espírito. Enfim, alguém com uma personalidade forte e bastante para fugir das tradições que remontam à séculos passados, e que nada têm a ver com as mudanças que começam a ocorrer em grande número no mundo.

Em "O Vampiro...", Lestat inicia sua história a partir de 1985, quando ele acorda de um longo sono para tornar-se um astro de rock. Através de suas reminiscências, podemos saber exatamente o que ele viveu e conheceu na Paris pré-revolucionária, e suas andanças pelo mundo nos anos seguintes, quando lhe foi concedida a honra de conhecer as origens dos seres conhecidos no mundo por vampiros. Anne Rice conseguiu dar uma credibilidade nunca vista aos vampiros, expondo suas

diferenças e os problemas sociais que uma comunidade de imortais deve ter, ao mesmo tempo em que torna-os mais belos e sensuais do que jamais foram.

Os fãz mortais que ainda não leram, não sabem o que estão perdendo. E os imortais poderiam aprender algumas coisas interessantes.

por GILBERTO SCHOEREDER - vencedor do Prêmio Neva '89, como melhor resenhador.

- GUERRA TOTAL (Computer War), Mack Reynolds, 1967. Editorial Bruguera, Col. de Ficção Científica.

Estamos diante de uma tentativa de sátira política, não muito bem sucedida já que Reynolds não é dos melhores autores do gênero. A ação se passa num distante futuro, num mundo colonial situado em outro sistema solar. Duas superpotências, Alphaland e Betastan, se defrontam. Contudo, a analogia com a URSS e os EUA termina praticamente aí; não há maiores semelhanças com a política internacional dos anos 60. Afinal, Alphaland é um país simplícimo, onde tudo se resolve através de uma curriola que decide a guerra por razões econômicas e nem se arranha o aspecto ético da questão. O herói da história, ou o que mais tenta parecer com isso, Ross Westtley, faz objeções oriundas de sua área - ele é o Secretário de Propaganda, sem entender muito do assunto - mas não se encoraja dizer ao "Número Um" que é contra a guerra em si. Alphaland, de resto, é uma potência semiteocrática, onde o governo anda de braços com os "monges do Templo", e a guerra com Betastan é decidida em meio a uma elaboração de calúnias propagandísticas contra o inimigo, algumas de fundo religioso (Mack Reynolds é autor anticlerical). Quanto a Betastan, trata-se de uma potência escorregadia, que na hora H mostra-se impossível de dominar: seu exército dispersa, evitando todo o contato direto com os invasores; e defen-

de-se pelo sistema de guerrilhas e terra arrasada. Subjacente a tudo isso existe a conspiração karlista combinada com a infiltração beatânica, chefiada por uma heroína sem grande carisma, Tilly Trice, namorada secreta do herói sem convicção, Ross Westtley.

Bem, é tudo muito forçado. Os personagens, em número maior do que seria razoável, tem o costume de manifestar constantes referências históricas, nem sempre adequadas, que eles presumem ter relação com a sua situação. Mas com excessão de problemas de sua própria geração, todas as referências estacam e concentram-se no século XX, até no máximo a própria época em que Reynolds escrevia. Esse tipo de anacronismo - incapacidade de fazer referências a um passado histórico hipotético, situado no futuro do escritor - revela a falta de imaginação de vários autores do gênero. Per que todo esse interesse pela política do séc. XX, da parte de cidadãos de um futuro distante séculos ou talvez milênios e num planeta colonizado? Que pensar por exemplo, quando Riggin, ao exemplificar o nepotismo, sai-se com essa "O filho de Stalin, embora fosse conhecido como um alcoólatra, tornou-se rapidamente general da força aérea, o genro de Krushev era o editor-chefe do Pravda? Mais adiante, Altshuler declara: 'Bandidos como Stalin, Hitler, Mussolini, Chiang Kai-Shek e Franco, para citar alguns nomes de um certo período da História...!'

Ficou a impressão de que a história tem uma continuação, pois o final ficou em aberto. Não se perde grande coisa, porém em ler o resto.

por MIGUEL CARQUEIJA - editor do mini-fanzine Antares-Rio e representante oficial no Rio de Janeiro do Clube de Ficção Científica Antares - CFCFA.

CLASSICS

UMA SEPULTURA NA ETERNIDADE

Por GILBERTO SCHOEREDER



CAST: JAMES ANDREW BARBARA JULIAN
DONALD KEIR SHELLEY GLOVER
Produced by Directed by Screenplay by
ANTHONY NELSON KEO ROY BAKER NEEL KESSEL HUBERT SCHREIBER

Esse é o terceiro filme da série com o professor Quatermass, adaptado de uma série de televisão inédita no Brasil. Os dois primeiros, "Terror que Mata" (The Quatermass Experiment, 55) e "Usina de Monstros" (Quatermass II, 57), foram muito bem recebidos pela crítica, mas não resistem a uma comparação com o de Baker. Assim como o ridículo "The Quatermass Conclusion", apresentado na TV em 1979 e que chegou a circular em vídeo pirata no Brasil.

O que acontece é que "Uma Sepultura..." é um dos melhores e, ainda assim, menos comentados filmes da década de 60. Aborda um tema difícil de forma menos poética e mais direta do que fez "2001", no ano seguinte. A atuação de seres extra terrestres na cultura humana, em tempos remotos, sempre causa uma espécie de repulsa imediata por parte da crítica. Tanto é assim que esse aspecto, presente na linha central de "2001", foi praticamente deixado de lado na maioria das considerações sobre a obra.

Aqui, não é possível esquecer esses aspectos. Os ETs não são apresentados por metáforas, mas por um achado incrível nas escavações do metrô londrino. Uma nave espacial marciana, com os corpos conservados (ou pelo menos razoavelmente) dos aliens ainda lá dentro, e ainda exercendo sua influência sobre a mente humana através de uma energia que a protege, e que eventualmente é ativada e se propaga.

Junto com a nave e os seres, são encontrados restos de seres huma-

nos modificados, com a indicação mais que clara de que os marcianos realizavam experiências para criar os seres ideais aos seus propósitos, ou seja, escravos adequados à colonização do planeta. Com a morte da raça, os humanos ficaram por conta própria, resultando na beleza de civilização limpinha que temos hoje.

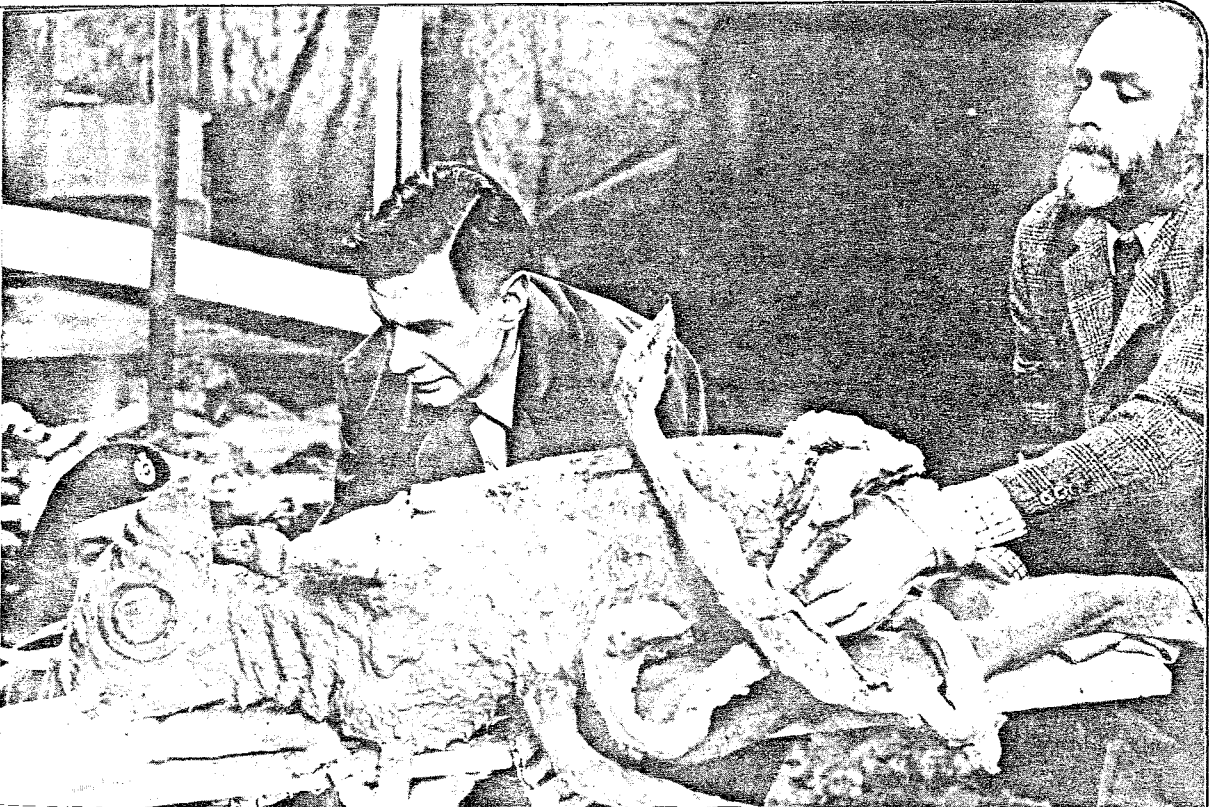
Se essa idéia, por um lado, é uma desculpa fácil e muito oportuna para o que se fez de errado no planeta, atribuindo a culpa a quem nos "criou", por outro não é de todo descartável, pelo menos como um excelente exercício de raciocínio. É uma idéia que começou a se desenvolver com as pesquisas de Charles Fort em seu "livro dos danados", que é no mínimo interessantíssimo. Prosseguiria, nos anos seguintes à "Uma Sepultura...", com a divulgação obtida com o sucesso comercial de "Eram os Deuses Astronautas?", de Erich Von Daniken, polêmico, crítico, endeusado, arrasado pelos cientistas e grande parte da crítica, mas que levantou uma questão essencial, que é o da validade dos estudos históricos e antropológicos mais tradicionais, e que realmente apresentam muitos furos inexplicáveis.

Como nas melhores obras do gênero, aqui não é esquecido o confronto clássico entre ciência e o poder militar, representado por um o-



ficial dos mais imbecis que, para nossa sorte, é destruído em grande estilo pela nave espacial, quando ela entra novamente em atividade.

Grande parte das descobertas de Quatermass sobre o que realmente representam os seres, surgem através de



um engenho simplesmente excelente, que transforma os pensamentos em imagens de televisão, e que eu sempre fui louco para ter mas nunca encontrei. E, senhores, os marcianos representam nossos maiores temores. São parecidos com gafanhotos gigantes (ver foto acima), e possuem cornos que lembram as imagens que nos assombram há muito, diabinos e demônios. Imagens transmitidas através dos séculos. Entra aqui uma pitada de Carl Jung e teorias relativas ao inconsciente coletivo. Para complicar as coisas, os marcianos também não eram bem certos. Carregavam uma espécie de estigma racial que os levava a verdadeiros rituais de eliminação de

tempos em tempos, uma loucura coletiva dirigindo-os ao suicídio.

A ação culmina justamente num momento de loucura que toma conta da cidade de Londres, numa das mais belas filmagens do gênero, um momento surrealista apresentado de forma magnífica e que, anos depois seria mais ou menos copiado por Tom Hooper em "Lifeforce". O filme de Roy Ward Baker raramente aparece naquelas listas de 10 mais, mas certamente é um dos que merecem uma atenção especial.

UMA SEPULTURA NA ETERNIDADE - QUATERMASS AND THE PIT / FIVE MILLION YEARS TO EARTH, ING, 67, Hammer.
Direção : Roy Ward Baker

Roteiro : Nigel Kneale , Fotografia : Arthur Grant , Efeitos Especiais : Bowie Films, Elenco : Andrew Keir, Barbara Shelley, James Donald. Cor, 97m

CIÊNCIA - HUBBLE : O SONHO E A REALIDADE + J.L. Calife - Cont. da pg. 26

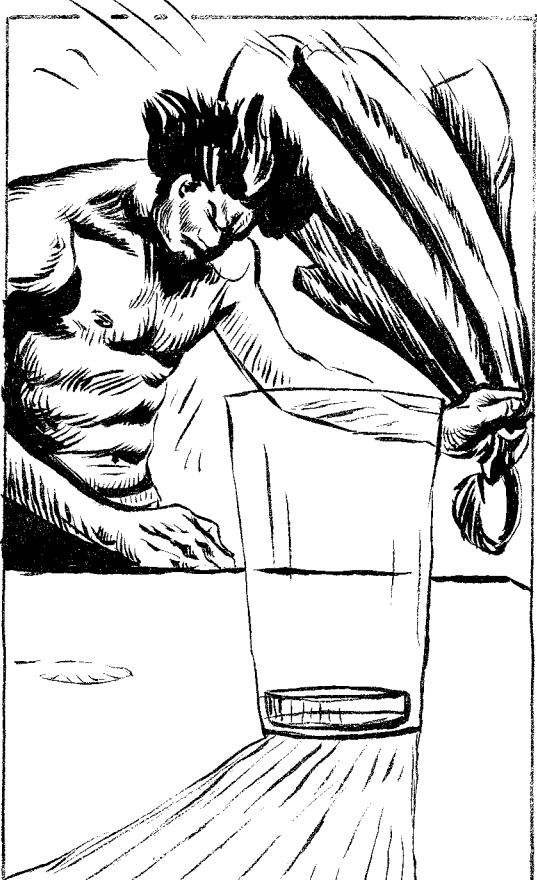
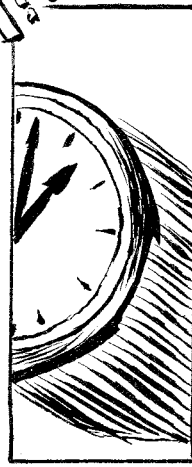
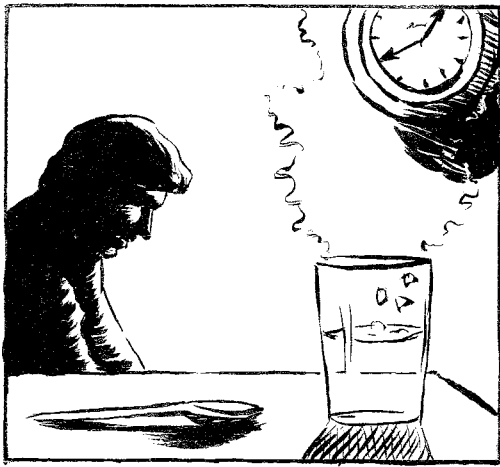
olhos sensíveis aos raios X e gama. Ninguém pode prever o que esses instrumentos vão revelar.

Quando olhamos o espaço, viajamos também no tempo. Uma galáxia a um milhão de anos-luz, nos apresenta o aspecto que tinha há um milhão de anos, porque a luz levou esse tempo para vir de lá até aqui. Os super-telescópios dos anos 90 poderão observar fenômenos que aconteceram há 15 bilhões de anos, quando a maioria dos astrônomos a-

cha que o Universo estava sendo criado. Há quem brinque dizendo que o telescópio de 16 metros poderá resolver a velha disputa entre ciência e religião, fotografando Deus no momento em que Ele criava o Universo. Na realidade o que vai aparecer quando o super-telescópio focalizar o limite extremo do espaço e do tempo ainda nos é totalmente incôncébil.

Como dizia o grande Rod Serling, está naquela fronteira obscura, além da imaginação.

METAMORFOSE "I"





E...
AQUELA
TRANS-
FORMAÇÃO
PROSSEGUE
NOITE
A DENTRO,
ATÉ QUE,
...



ADORMECI ANTES DE FAZER MINHA
EXPERIÊNCIA COM AQUELA SUBS-
TÂNCIA. MAS ONDE DEIXEI O
COPO?! DEIXA PRA' LÁ É TARDE,
VOU DORMIR... AMANHÃ...
É... AMANHÃ!

